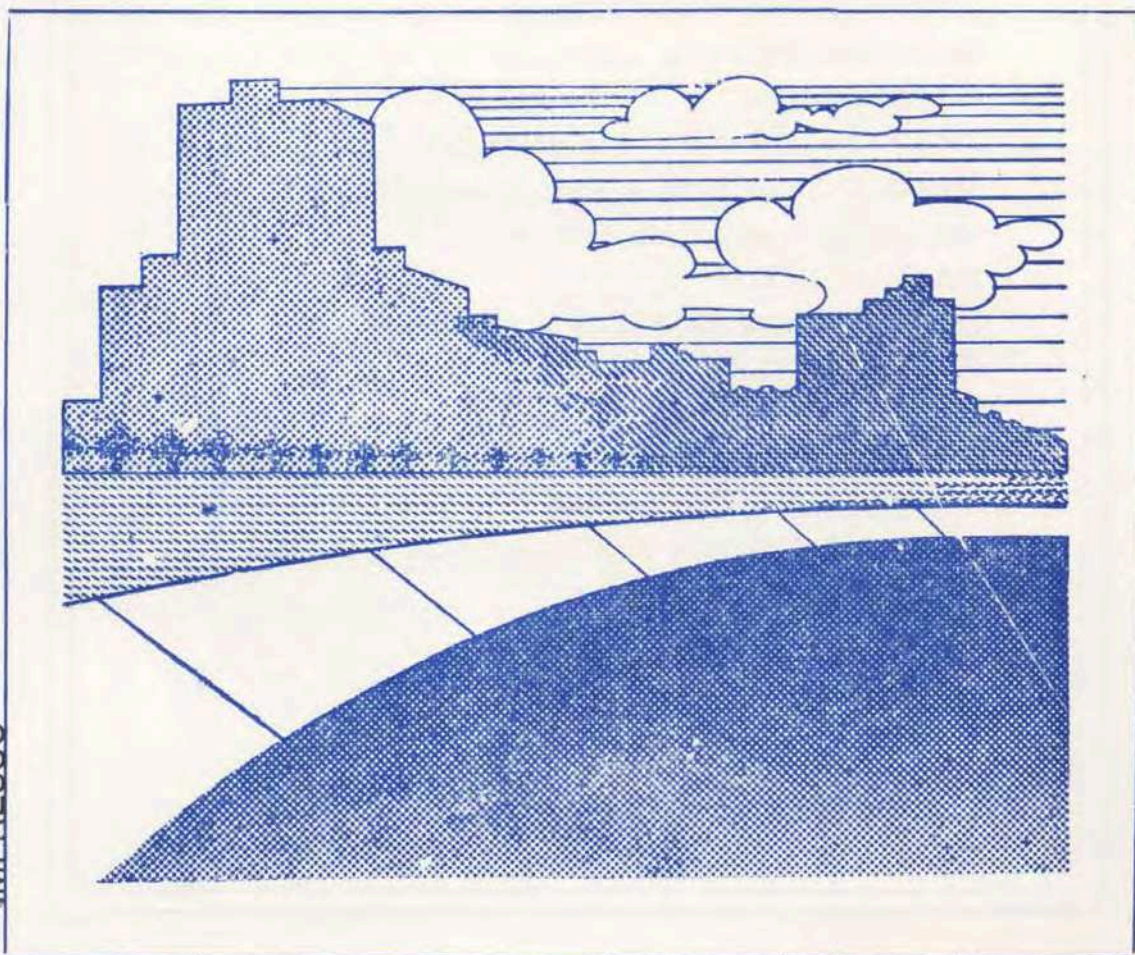


# Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Junho de 1994

Nº. 6



## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Madeira Odebrecht Ltda.

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich (in memória)

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S. A.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

•Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Lindner, Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

Genésio Deschamps

Padre Antonio Francisco Bohn

Curt Fiedler

Altamiro Jaime Buerger

Arnaldo Buerger

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

Nelson Vieira Pamplona



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXV

Junho de 1994

Nº. 6

## SUMÁRIO

Página

O prussiano que a mata abrasileirou (V) — Theobaldo Costa Jamundá .....	162
Trabalho sobre o Ribeirão Garcia vai a Feira Mundial .....	164
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	165
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff .....	167
Figura do passado — Antônio Roberto Nascimento .....	169
Curiosidades de uma época — XXXIV — S. C. Wahle .....	170
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .....	172
Genealogia das Famílias Gehrent - Schmidt, Silva - Gorges — Pedro E. da Silva	174
Um episódio dos "sem terras" ocorrido em Gaspar no século passado .....	178
Otto Wille, uma figura inesquecível — Otto Wille .....	179
Cartas .....	186
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn ...	187
Aconteceu — Maio de 1994 .....	189
Aconteceu há 50 anos passados — José Gonçalves .....	192

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) 7,94 URVs

Número avulso 1,00 URV

Assinatura para o exterior (porte via aérea) 11,00 URVs

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL



# O PRUSSIANO QUE A MATA ABRASILEIROU (V)

(Dr. Odebrecht: integração, dedicação e 15 filhos)

Theobaldo Costa Jamundá

Aqui cabe a digressão para trazer ao palco das considerações Dr. Blumenau e Dr. Fritz Müller com o Dr. Odebrecht formando o trio dos três doutores da Kolonie Blumenau. — Noves-fora emocionalidade apologética, pode ser compreendido que este trio dos três doutores, é outra de algumas faces salientadoras da paisagem global da Colônia Imperial Blumenau de 1860.

Em que colonização de germânicos se encontrou três personalidades tão diferentes como criaturas humanas bitoladas em convergência positiva direcionada para o que era como foi o interesse brasileiro?

Diz a curiosidade que em 1960 o Dr. Blumenau usufruía a vitalidade de 41 anos, o Dr. Fritz Müller estava pelos 38 anos e o Dr. Odebrecht não passava de 25 anos. Traga-se para os dias de hoje as idades destes homens imaginando os três domiciliados na dominância da Mata Atlântica, de certo, plena de feracidade. Na avaliação de cabeça ~~ria~~ se tem que levar em conta os 25 anos do dr. Odebrecht no raciocínio: era um moço como com grau de instrução universitária porém muito distante dos familiares e frente a frente com realidade exigente. — Deveria emergir como se renascesse para a fase da Pátria da Esperança.

O engenheiro Odebrecht foi um imigrante como todos que se disciplinaram com força de vontade excepcional na teoria e na prá-

tica de um idealismo: (1) Em teoria superando-se no desconforto e assumindo-se, inteiramente, na busca de «**lugar ao Sol**»; na prática, aceitando como aceitou de plena consciência a orientação gerencial do Dr. Blumenau para o empreendimento que desde 1850 começou a ser conhecido com o substantivo próprio Blumenau. E nesta aceitação por disciplina ofereceu os conhecimentos profissionais aplicáveis; e para o dr. Fritz o comportamento não foi diferente aceitou-o como ele desejava fanaticamente apegado à pesquisa na floresta: **o sábio no laboratório**.

De um ponto de vista tomado agora e com o apoio bibliográfico se pode focalizar o dr. Odebrecht menos cerimonioso e muito mais se regendo por educação doméstica formativa e discernimento conclusivo; com o dr. Blumenau e com o dr. Fritz Müller colher confiança e prestígio, era obrigação, exatamente, por que eles eram donos de vivência nas realidades da geografia e portanto com anos experiência no micro Brasil da Colônia de Blumenau, encravado na imensidão verde da Mata.

Assim o moço engenheiro de Greifswald (prussiano sim senhor!) bitolou-se objetivado na colheita de possibilidades mesmo assim como semeador do que desejava colher anos para frente. — Correndo o dedo pelas linhas das páginas de sua vida chega-se a compreensão: **a Esperança com ele em**



**cada amanhecer lhe foi a companhia constante.**

Chegou para o convívio em 1859 no abeiramento do rio Itajaí-açu e não reservou-se que um dia precisaria fazer outra opção: **chegou para ficar e ficou.**

A condição de emigrado para qual entrou lá na Europa-norte consistiu-se na providência inicial de um projeto de vida. E assim encontramos a sua existência inteira de vida útil na Pátria que foi das possibilidades: isto quando ele programou-se já sendo imigrado. — Entretanto já era da Esperança desde quando a escolheu para o projeto de vida com o mesmo nome abronado: Odebrecht.

Mas se transmigrou-se, veio com ele a personalidade forte. E essa frontalmente, excluiu a marginalização porém também não se envenenou de uma superioridade racial: **este ser assim ativo por competência e não por herança étnica, conferiu ao engenheiro o sucesso no relacionamento com auxiliares.**

Aí por quê o dr. Odebrecht foi **abrasileirado** pela Mata: os auxiliares, em maioria, sabiam sobre vivência e sobrevivência na mata, nos campos e dos rios o que as águas podiam oferecer. Por tanto e por tudo o dr. Odebrecht como um dos três doutores da «**Kolonie Blumenau**», foi o que mais gastou sola de botas ou de botinas por chão catarinense, no ofício executivo-profissional de atividades civilizatórias.

Se tomarmos de sua vida três momentos como sejam: (1) O ter sido voluntário da Pátria; (2) O instalador de linhas telegráficas; (3) O operador da locação do rio Santo Antônio. — Já o teremos definido com a dignidade maior de

bons serviços oferecidos a sua Pátria da Esperança.

Mas se não quisermos «dar tratos à bola» por deduções explicativas dos três momentos acima referidos, basta entendê-lo sendo quem plantou a árvore genealógica com quinze filhos (15), exatamente, os primeiros Odebrecht brasileiros: sem dúvida a contribuição de significação indimensionável para um país imigrantista portanto, dependente das correntes imigratórias. E não é preciso ser cientista social para entender tal dependência positiva e a necessidade de sua estruturação conforme os itens levantados pelos políticos imgracionistas como o já citado diplomata dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, também conhecido como autor de livro apologista da imigração e defensor do dr. Blumenau contra delatores alemães, e mais o político e diplomata Joaquim Nabuco (1849-1910) e o político que governou várias províncias brasileiras Cansção de Sinibu (1810-1907). Estes vieram a imigração para: (1) Aumentar a taxa do crescimento populacional; (2) Com os transmigrados europeus serem operadas mudanças tecnológicas; (3) Possibilidades de laços familiares e concretização do fomento expansionista estimulador; (4) Romper o isolamento na selva e na subalternidade colonial; (5) Ter mão de obra qualificada na construção civil e nas atividades exercidas por artífices.

Ficando-se com os três momentos sugeridos o dr. Odebrecht fica focalizado numa compreensão assim: (1) Quando vestiu a farda de alferes Voluntário de Pátria estava com 30 anos, já era casado e o seu primeiro filho Edmund ainda não completara um ano. Daí poder concluir-se que se alistar no



voluntariado lhe satisfaz ponto de vista próprio: alistando-se alcançava automaticamente, a naturalização e também os direitos inerentes facultados pela lei. Quanto os ris-

cos naturais da guerra, de certo os avaliou porém para quem entrou, voluntariamente, na corrente imigratória deixando lar e paisagem humana natais. (Continua)

## TRABALHO SOBRE O RIBEIRÃO GARCIA VAI À FEIRA MUNDIAL

Harry Boos júnior, 16 anos, e Alessandra Vanessa Heiden, 15 anos, estudantes do Colégio José Maurício, conseguiram concretizar o sonho de nove entre dez adolescentes da sua idade: conquistar a fama. Harry não toca em nenhuma banda de rock famosa e Alessandra não é bailarina de sucesso. A proeza, reconhecida nacionalmente, foi conquistada através de muita leitura e experimentos em um laboratório de um colégio sem muitos recursos.

Os dois desenvolveram um projeto de pesquisa que estuda, através de fórmulas matemáticas, quadros, gráficos e teorias, o comportamento do ribeirão Garcia em Blumenau. O estudo, considerado inédito na área da ciência, foi premiado, juntamente com outros dois trabalhos na Feira Internacional da Ciência e Tecnologia Juvenil, realizada em Porto Alegre, em novembro de 93. Em maio, Harry e Alessandra embarcam para os Estados Unidos para defenderem o trabalho na Feira Mundial no estado de Alabama.

Vanessa mostra com orgulho a lista de objetivos alcançados em quase um ano de pesquisas: medida de turbidez, condutibilidade, vazão, cálculo de área da bacia hidrográfica etc. Para os mais leigos, tudo se torna in-

compreensível. Harry e Alessandra então se prontificam a explicar as teses calmamente. Para eles, todos os fatos, testados e pesquisados meticulosamente, se tornaram conclusões óbvias. Os alunos, no entanto, não se consideram gênios. Os dois garantem que não deixaram de lado as horas de lazer.

“Parte do mérito e do sucesso foi graças ao esforço do professor de ciências, Henrique Brückmann”, garante a diretora da escola Valquíria Luchtemberg. O incentivador garante que sem o interesse mútuo os estudos não teriam se concretizado. “Não é preciso ter um Q.I. privilegiado para realizar a tarefa, e sim muita força de vontade para superar as dificuldades”, explica Henrique.

Harry e Alessandra aperfeiçoaram o seu projeto fora do horário normal das aulas. A escola, na época, não tinha disponível material de laboratório adequado para as pesquisas e nem livros didáticos especializados. Henrique não se intimidou e resolveu unir a atividade teórica com a prática. “Peguei uma calculadora, os dois pesquisadores, muita vontade de aprender e fui ensinar na beira do ribeirão”, diz o professor.

(Transcrito do Jornal de Santa Catarina do dia 10.04.94, pág. 21).



# AUTORES CATARINENSES

---

ENEAS ATHANAZIO

## O «INDICADOR» QUEM É QUEM EM NOSSAS LETRAS

Assim como foi feito com o «Indicador Catarinense das Artes Plásticas», publicado em 1988, acaba de ser lançado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), agora em co-edição com a Paralelo 27, o «Indicador Catarinense de Escritores». Com mais de 260 páginas, ilustrado, é uma espécie de dicionário das pessoas que escrevem em nosso Estado, cada verbete fornecendo elementos biográficos do autor focalizado, sua bibliografia, entidades culturais a que pertence, prêmios conquistados e outras informações úteis. Como esclarece Iaponan Soares, na apresentação, são contemplados apenas os autores em atividade, uma vez que a inclusão de todos, em virtude do número avultado, tornaria impossível a realização da obra. E, mesmo assim, é deveras impressionante a quantidade de nomes catalogados. São mais de 400 escritores, literatos e autores de obras técnicas enfileirados no livro. Um trabalho minucioso e exaustivo, nem sempre contando com a colaboração de muitos autores, pelo qual a FCC, o supervisor Iaponan Soares, o coordenador Flávio José Cardozo, o organizador-redator Joca Wolff e toda a equipe merecem felicitações. Omissões e pequenos senões são inevitáveis em realização tão ambiciosa, como tenho observado ao examinar congêneres até mesmo de âmbito nacional.

O critério de incluir autores de áreas técnicas, inclusive muitos juristas de escassa produção, se por um lado inchou o livro, por outro aumentou o leque de leitores interessados. Outra observação que se impõe é a quantidade de poetas que aparecem no volume. Mesmo com a inclusão de autores de trabalhos técnicos, uma ligeira análise revela que elas parecem constituir a metade de nossos escritores. Num critério mais restrito, creio que o fato serviria de mais um argumento para os que afirmam que no futuro próximo nossa literatura será exclusivamente poética. É curioso notar ainda que alguns escritores não são catarinenses, às vezes nem brasileiros, e sua obra não tem relação alguma com o Estado. Sua presença no livro se deve, por assim dizer, a um fator físico — lá estão pelo fato de aqui residirem. Enquanto isso, autores de longe mas cuja temática é catarinense, como Daniel Fresnot e Lauro Vargas, por exemplo, ficam de fora, mesmo porque incluí-los seria um nunca acabar. Uma última observação, e que muito me surpreendeu, foi a ínfima produção de certos nomes muito badalados pela imprensa. Como se costuma dizer, ganharam «fama» e estão até hoje sentados sobre ela.

O livro ensejaria outros comentários, mas estes bastam, por ora, para saudá-lo como um evento marcante e que muito contribuirá para



divulgar nossos autores e fornecer uma visão de conjunto dos que produzem em nossas letras.

### O FIM ?

Noticiaram os jornais que a UBE — União Brasileira de Escritores foi despejada de sua sede, à Rua 24 de Maio, em São Paulo, onde ocupava todo o andar de um imóvel pertencente ao INSS. A ação judicial foi iniciada há mais de três anos e o despejo decretado por falta de pagamento de aluguel. Todo o acervo da entidade, que tem mais de 3.000 sócios espalhados por todo o País, ficou amontoado em outra dependência do mesmo prédio.

Como antigo sócio e ex-delegado da UBE, a notícia, para mim, não poderia ser mais constrangedora e confesso que temo pelo seu fim melancólico, tal como ocorreu com a nossa Associação Catarinense de Escritores, cuja sede e acervo não se sabe que destino tiveram.

E por falar nesses assuntos amargos, parece que nosso antigo Instituto Histórico e Geográfico também enfrenta dificuldades. Tudo indica que o poder público atarraxou a torneira por onde fluíam algumas gotas de ajuda, levando o IHG a apelar para a colaboração extra dos sócios, o que me parece muito justo. Seria a ocasião para a instituição se organizar e declarar sua independência definitiva, o que não seria impossível com a quantidade de associados que tem. Os exemplos citados acima podem servir de estímulo para uma atitude positiva.

### VARIADAS

Foi lançado o número inicial da revista «Agora», órgão de divulgação científica da Universidade do Contestado —UnC. \*\*\* Está circulando o número 9 de «Ô Catarina!», suplemento cultural da FCC, contendo muita matéria interessante, inclusive sobre Blumenau. \*\*\* Jamundá, sempre fluente, soltou o verbo no IHGSC, discorrendo sobre o tema «Três doutores da mata do Itajaí». \*\*\* Martinho e Julieta, incansáveis, promoveram bela noite, ele lançando o livro «Dois Textos» e a terceira edição de «Hai-Kais Escolhidos», ela abrindo a exposição «Imagem & Palavra», aquarelas. \*\*\* O romancista José Endonça Martins bateu um papo com os presentes, na mesma noite da abertura da exposição de Pecora, desenhista e gravadora, numa promoção do Departamento de Cultura da Fundação «Casa Dr. Blumenau». \*\*\* A Paralelo 27 promoveu o lançamento do livro «O Pico do Inferno», de Cácia Leal do Nascimento, no Restaurante Reçaka, em Florianópolis. \*\*\* No mesmo local foi lançado o «Indicador Catarinense de Escritores», acima comentado, com a participação da FCC. \*\*\* Uma exposição de litogravuras do Instituto Tamarind foi levada a efeito pela Fundação «Casa Dr. Blumenau» e outras entidades na GMA. \*\*\* O Grupo Literário A Ilha comemorou seus 14 anos com o lançamento de livros, entre eles «Poesia Viva», antologia poética dos integrantes. Foi no Maj, em Joinville. \*\*\* O «Diário de Cultura» publicou, em



seu último número, excelente conto de Edson Ubaldo, companheiro de letras e do foro. Parabéns!

### IMPÉRVIO POEMA

Para quem gosta de linguagem hermética e se dá o prazer de exercícios de decifração, publico aqui um soneto do poeta paulista Jácomo Mandatto, já publicado em outros periódicos como um retrato da atual situação nacional. Será mesmo?

#### MISTIFÓRIO

Escarnicando as enxambradas alfombras  
fui, alvarinho, à busca do bom caculo.  
Por tibes, corrimboques e peiticas sombras  
descobri, entre nenúfares, o bardo Catulo.

Rúbido, em seu ergástulo, o tassalho  
estomagava, hircino e impute, sua vulturna.  
Ah, que puridade, que metífico odor de alho  
se respirava naquela embastia soturna!

Grave era o clangor da caçoula protérvia  
marrafenta aos bulcões e colgaduras  
naquele vágado e insólito cascavilhar...  
Descantes ao longo da senda impérvia  
enviscados aljôfares de lâmures puras,  
perdiam-se nesse mistifório singular...

---

## *Subsídios Históricos*

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da página de anúncios do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), de 17 de outubro de 1871.

#### AVISO

Até o dia 15 de novembro todas as frentes de ruas e as valetas deverão ser limpas, a capoeira eliminada, as cercas vivas de espinheiros podadas e as águas deverão ter livre curso. Os infratores serão punidos com todo o rigor, de acordo com a Lei.

Joinville, 4 de outubro de 1871. **Karl Klingner**, fiscal.

#### LEILÃO

Domingo, 8 de outubro, às 2 horas da tarde, terá lugar um lei-



lão no salão do Sr. Grahl, de objetos oriundos do barco recentemente naufragado, como: farinha de trigo, óleo de linhaça, madeira de pinho, um sofá e vários outros objetos.

**Fr. Jordan...**

No dia 12 do corrente mês, o meu hiate «Hoftnung» (Esperança) segue ao Desterro. Reservas de passagens e cargas podem ser feitas com **Karl Beust**.

O horário de consultas para o semestre de verão, foi por mim estabelecido da seguinte maneira:

**Horário de consultas:** Das 7 às 9 horas da manhã e das 12 às 2 horas da tarde, em minha residência, das 9 às 10 horas da manhã no Hospital.

Fora deste horário, não darei consultas. Anotações de consultas podem ser feitas a qualquer hora.

Rogo, sobretudo, aos sócios das associações beneficentes, marcarem com antecedência e precisão as suas consultas, de preferência por meio de um bilhete ou de uma carta, para que, em caso de ausência momentânea eu possa ficar ciente das mesmas.

Meus honorários — para a Colônia — por enquanto são os seguintes:

Uma consulta .....	400 Rs.
Uma receita .....	320 Rs.
Uma consulta com exame simples .....	640 Rs.
Pequenas operações .....	1\$000 Rs. — 5\$000 Rs.
Intervenções cirúrgicas simples .....	500 Rs. — 3\$000 Rs.
Visita a domicílio, na Vila .....	1\$000 Rs.
Fora da Vila, até a distância 1/2 légua .....	2\$000 Rs.
de 1/2 légua a 1 légua .....	4\$000 Rs.

De 1/2 em 1/2 légua de distância, haverá gradativamente um aumento de 2\$000 considerando a Praça do Mercado como centro.

Partos, operações cirúrgicas mais complicadas, etc. serão calculados segundo as circunstâncias de serviço e do emprego de instrumentos, bem como a assistência necessária, o mesmo acontecendo com eventuais consultas de outro médico. Honorários no período noturno terão 50% de majoração.

Com exceção das famílias às quais, segundo acordo mútuo, apresento as minhas contas anual ou semestralmente, esta tabela, evidentemente, compreende pagamento à vista. Sendo a prazo, há um acréscimo de 25% e os juros de 12%, além da comissão do meu cobrador.

Joinville, 30 de setembro de 1871.

**Dr. Wolff.**

Na segunda-feira, 2 de outubro, minha filha encontrou uma grande toalha na Praça do Mercado.

Rua Adolfo. **F. Blumenthal**.

Nota da Tradutora: A Praça do Mercado, hoje é Jardim Lauro Muller.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.



## **DOMINGOS VIEIRA CAÇILHAS**

**Antônio Roberto Nascimento,**  
do Instituto Histórico e  
Geográfico de Santa Catarina

Domingos Vieira Caçilhas (1), "natural da Ilha de Paranaguá" (?), foi casado com Teodósia Francisca, natural da mesma Ilha, com quem teve a filha Ana Maria da Conceição, moradora em São Francisco do Sul, onde foi casada com Amaro Pereira Lima Jr., filho de pai de igual nome, o velho, e de Ana Moreira, consoante o batismo da neta Maria, aos 5.2.1797, tendo por padrinhos João José de Já Brandão e sua mulher Josefa Alves (2).

Domingos Vieira Caçilhas, ou Cassilhas, como também foi grafado, pertenciam ao rol dos "cidadãos paranaguenses da nobreza mais principal que serviram nos cargos da Governança de Paranaguá, desde 1750 até 1800" (3). No batismo do neto Francisco, aos 5.8.1804, em São Francisco do Sul, ele foi grafado Domingos Vieira Cavilhas, natural da Vila de Cavilhas (sic), enquanto que sua mulher, Teodósia Francisca (4), foi dada como natural de Paranaguá, mãe de Ana Maria da

Conceição, também natural de Paranaguá, casada com o franciscanuense Amaro Pereira Lima, morto aos 30.11.1826, já viúvo (5), filho de Amaro Pereira Lima e de Ana Moreira. Padrinhos foram Salvador Pereira Lima e Maria Efrosina de Assunção, filha do Sargento-Mor José de Oliveira Borges (6). Domingos Vieira Cassilhas também foi dado como "natural do lugar Cassilhas, Lisboa", quando foi do batismo do neto Amaro, aos 17.8.1806 (7), com anotação de "obiit", filho da sobredita filha dele Ana Maria da Conceição, cujo marido morreu "de febre maligna", na data já assinalada. Padrinho foi Francisco Mathias de Carvalho e N. S<sup>a</sup>. da Graça protegeu. Dita sua filha e Amaro Pereira Lima Jr. tiveram os seguintes filhos: Francisco, Amaro, Isabel e Maria Pereira Lima.

Afora seus respectivos batismos (v. supra), não temos outras notícias sobre Amaro Neto e Francisco Pereira Lima.

- (1) — Cf. ANTÔNIO VIEIRA DOS SANTOS, *Memória Histórica da Cidade de Paranaguá e seu Município*, 1<sup>o</sup>. V., Curitiba, 1951, Ed. da Seção de História do Museu Paranaense. p. 205.
- (2) — Livro nº 5 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul.
- (3) — Cf. VIEIRA DOS SANTOS, ob. cit. p. 205
- (4) — Livro n. 5 de batismos cit.
- (5) — 2<sup>o</sup>. livro de óbitos da Matriz de N. Sa. da Graça cit.
- (6) — Cf. A. R. NASCIMENTO, *Os Ervateiros de Joinville*, na Rev. "Blumenau em Cadernos", Tomo XXXIV, nov./dez. de 1993, nn. 11-12, p. 381
- (7) — Livro n. 5 cit.



Isabel Maria da Conceição, que já era viúva em 1857 (8), foi casada com o tio paterno do Padre Marçal (9), Francisco José Pereira, filho de Pedro Alves Pereira, natural de Iguape, e de Josefa Maria do Nascimento, natural de São Sebastião, neto paterno de Francisco Alves da Costa e de Maria Pereira Gonçalves, também de Iguape, e materno de Domingos de Oliveira Patrão, "Patram", ou "Latam", natural de Gênova, segundo alguns registros eclesiásticos, e de Ana Pires dos Santos, natural de São Sebastião, com quem teve, dentre outros, o filho Domingos, batizado aos 9.6.1832 (10). Teve, outrossim, a filha Camila Maria, casada

em São Francisco do Sul, na data de 19.6.1868 (11), com João Gomes de Oliveira, filho de Pedro Celestino de Oliveira (12). Teve, mais, o filho Joaquim, que recebeu uma caixa de herança de sua tia Joana Moreira Pereira (13), Emília e Ana.

Maria Pereira Lima, batizada aos 5.2.1797 (v. supra), foi afilhada do Ajudante de João José de Sá Brandão, filho do escrivão da Câmara de 1757, Agostinho José de Sá Brandão (14), e dela não temos outras notícias.

Como nosso propósito não é outro senão o de mostrar como se fez o povoamento do litoral norte de Santa Catarina, ficamos, por ora, nestas breves notas.

(8) — V. Arquivo Judiciário de São Francisco do Sul.

(9) — Cf. W. F. PIAZZA, *A Igreja em Santa Catarina, Notas para sua História*, Florianópolis, 1977, Ed. do Gov. de SC, p. 269

(10) — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça

(11) — Livro n. 7 de casamentos da Matriz cit.

(12) — Cf. A. R. NASCIMENTO, *A Filha do Presidente Tovar e Albuquerque*, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXIX, outubro de 1988, n. 10, p. 289

(13) — Arq. jud. cit.

(14) — Cf. A. R. NASCIMENTO, *A Câmara Francisquense de 1758*, no jornal "A Notícia" de Joinville, ed. de 25.5.1986, p. 22.

---

## CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXXIV

### ESCOLAS QUE EU CONHECI

S.C. Wahle

Na década dos 20 Blumenau esteve bem representada quanto ao ensino. Quatro escolas, bem equipadas, tanto com recursos materiais como humanos davam a população uma boa oportunidade de aprender o básico. Trata-se do Colégio Santo Antônio, Colégio Sagrada Família, Escola Nova (Neue Schule) e o Grupo Escolar Luiz Delfino. Tanto no Colégio Santo Antônio, como no

Colégio Sagrada Família e no Grupo Escolar Luiz Delfino, o ensino era na língua portuguesa, ao passo que na Escola Nova era em alemão.

O Colégio Santo Antônio, uma escola particular, pertencente aos Padres Franciscanos, tinha entre os professores, Max Kreibich, Thiemann, Prof. Venâncio Finger, Marcelino Bona, Henrique



Harre, e outros tantos professores dedicados. Era frequentado na maioria por católicos de ascendência germânica, italianos e poloneses. Uma minoria de protestantes também encontravam uma boa acolhida e diga-se de passagem, geralmente, excelentes alunos. No início da década dos 20, o colégio mantinha um time de futebol, denominado Tamandarê. Neste time só jogavam alunos ou ex alunos. Entre os jogadores destacavam-se os irmãos Sada: Emilo, André e Mário, Max Kreibich, os irmãos Weege, Affonso Rabe e outros bons jogadores que mais tarde vinham a compor o primeiro time de Brasil F. C. mais tarde denominado Palmeiras F.C., com sede na Alameda Duque de Caxias.

O Colégio Sagrada Família também era uma escola particular, pertencente a Ordem da Divina Providência. No corpo docente prevaleciam irmãs, na maioria oriundas da Alemanha. Inicialmente era uma escola exclusivamente para meninas, porém, aos poucos foi admitindo também meninos no curso primário. Este colégio mantinha um jardim de infância de bom padrão. Era frequentado na maioria por católicos, mas os protestantes também tinham boa acolhida...

A Escola Nova (Neue Schule), também conhecida no povo como Deutsche Schule (escola alemã era uma escola particular, administrada por uma fundação, pois, recebia subvenções, tanto do governo alemão como de particulares. O corpo docente era formado por professores nacionais e por professores fornecidos pela Alemanha. Era uma escola de al-

to padrão tanto no ensino como em suas instalações. Era frequentado em sua maioria por protestantes de ascendência alemã, o que não impedia a frequência de outras origens. Era muito comum escutar-se na época que o aluno afirmava, "wir gehen in die deutsche schule, weil wir deutsche sind" (nós frequentamos a Escola Alemã porque somos alemães), apesar de nascidos em Blumenau. Os professores alemães, geralmente, eram solteiros e casavam-se com moças blumenauenses. Assim foi o caso do prof. Zimmermann, casado com uma blumenauense, retornou a Alemanha, após o término de seu contrato e levou para lá os filhos nascidos aqui. Um dos filhos dele, Armin Zimmermann, ingressou na Marinha de Guerra Alemã, onde chegou até o posto de Almirante, tendo sido nomeado "Comandante Geral das Forças Armadas da República Federal da Alemanha".

O Grupo Escolar Luiz Delfino era uma escola pública estadual com curso primário e complementar. Tinha uma frequência mista, pois, sendo um estabelecimento gratuito, tinha alunos de todas as classes, predominantemente das classes de menor poder aquisitivo, o que não baixava o seu padrão. Pelo contrário, tinha um bom corpo docente. Este grupo era subordinado a Inspetoria Geral das Escolas Subvencionadas do Estado, com sede em Blumenau. O primeiro inspetor chefe foi o saudoso Prof. Crestes Guimarães, que aqui permaneceu por muitos anos. Foi substituído por outro professor que também deixou marcada a sua passagem, trata-se do Prof. Mosimann.



# REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

— Presença das Irmãs Salesianas na Povoação de Ascurra.

Os primeiros sacerdotes missionários salesianos que assumiram as missões em Santa Catarina, mais especificamente, na Povoação de Ascurra, e Padre Ângelo Alberti, seu primeiro Diretor, preocuparam-se de modo intenso também, desde o início da implantação, com a instrução feminina na região. As Irmãs Salesianas, além de conhecerem a legislação educacional brasileira e, em especial, serem práticas no magistério, supririam plenamente uma lacuna existente pela presença de poucos sacerdotes atuando na comunidade e por demais absorvidos pelo ministério paroquial. Nos primeiros tempos, depois de se estabelecerem, pelo seu diretor, realizaram as primeiras tentativas junto à Casa Mãe da Itália, com o objetivo exclusivo de trazer para Ascurra, as Filhas de Maria Auxiliadora, ou mais precisamente, as Irmãs Salesianas, cujas articulações e os primeiros entendimentos, começaram a ser realizados, via correspondência postal, em fins de 1917. Mais de três anos demorou para concretizar-se o tão almejado projeto de fundação da primeira obra das abnegadas religiosas em território catarinense, na localidade de Ascurra. Depois de tanta espera e ansiedade da população por ver concretizado o intento dos missionários salesianos e de toda a comunidade, no início de 1921, o plano fôra tornado real, após longos e de-

morados acertos. As Salesianas aí se instalaram, afim de atender, principalmente, ao apelo do Diretor das Missões e, mais especialmente, na esperança de que essa nova Casa aberta na região de colonização européia, trouxesse resultados satisfatórios vocacionais, pois, muito desejavam essas famílias ter um filho Padre ou filha Freira, o que constituia para elas numa grande honra e graça alcançada. Os poderes sagrados do Secerdote e Irmã Religiosa e o prestígio que daí lhes advinha, impulsionavam as mães que estimulassem seus filhos a seguirem a carreira religiosa. Muito, queriam as Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, que a região se transformasse em viveiro de vocações para a vida religiosa salesiana. Após terem aí estabelecido, o Bispo Diocesano, em 17 de julho de 1922, autorizou a abertura de uma Capela interna na própria residência, onde foram morar. As dedicadas Freiras, desde as primeiras aulas de catecismo ministradas na pequena Casa, faziam com frequência, exortações de cunho religioso e espiritual: A Diretora, pedia às professoras, com insistência e frequentemente, que nas aulas de religião se preocupassem com a questão das vocações religiosas. O resultado, após meses de trabalho, fôra compensador. Filhas de famílias dos colonos de Ascurra, ingressaram no aspirantado em São Paulo e várias candidatas à



vida religiosa, se formaram Irmãs Salesianas. Apesar de as Filhas de Dom Bosco terem lecionado até fins de 1927, sua permanência em Ascurra, para tristeza dos colonos e dos missionários, fôra efêmera. Mantiveram o curso primário completo de quatro anos, em obediência ao programa oficial. O catecismo na Paróquia, Capelas e em Oratório festivo, fazia parte de sua obra educacional. No primeiro triênio de 1921 a 1924, a Irmã Dolores Petazzi, foi a primeira diretora do estabelecimento, italiana nata; e de 1924 a 1927, Irmã Mística Federle, sua sucessora, na direção da Casa. No período de sua permanência na região, outras religiosas contribuíram com o seu trabalho e perseverança, significativamente, na comunidade, quais as seguintes: Irmãs Branca Morel, Maria Dalpiave, Rosália Mandarin, Maria Steinneyer, Maria da Piedade Hummel, Carla Carolina Carone, Feliciano Ferrini, Giovana Gino e Carolina Spezia. Em 1924, o estabelecimento contava com 14 alunas internas, fruto de um movimento pro-vocações religiosas e 115 externas; 140 meninos e meninas, frequentavam o oratório festivo; 60 primeiras comunhões e 600 participantes da doutrinação. Em 1925, havia 114 meninas externas; 137 oratorianos; 30 primeiras comunhões e várias centenas que participavam da doutrinação. No ano de 1926, 119 alunos frequentavam a escola e 128 o oratório festivo; 30 primeiras comunhões e um número de aproximadamente mil, que participavam da doutrinação. E, finalmente no último ano, de sua permanência na comunidade de Ascurra, houve 121 oratorianos 50 pri-

meiras comunhões e aproximadamente 1000 que frequentavam a instrução sobre matéria religiosa. Essas cifras demonstram o quão importante fôra o trabalho dessas incansáveis irmãs. Observa-se também através desse resultado que o internato, depois de 1924, deixou de existir e o último ano de funcionamento do externato ocorreu em 1926. Repetimos que valioso fôra o empenho das Irmãs, através do seu recrutamento de vocações salesianas. O contato diário com as famílias dos colonos, nas aulas no oratório festivo e sobretudo na igreja, com palavras carinhosas, entusiasmavam as crianças a abraçar a vida religiosa salesiana. Mas, para tristeza da comunidade de Ascurra, mudaram-se para Rio do Sul, em 12 de fevereiro de 1928, prevendo, evidentemente, que esse centro recém-fundado, atrairia em todo, o Alto Vale do Itajaí-Açu.

O trabalho voltado para as vocações religiosas em Ascurra, com reflexos nas localidades adjacentes, correspondeu de forma adequada à finalidade primordial. Como resultado, várias jovens formaram-se religiosas da Congregação Salesiana Maria Auxiliadora e muitas outras, na Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundada pela Madre Paulina, em Nova Trento, neste Estado. As seminaristas salesianas de Ascurra, embarcavam para São Paulo, de trem, e naquele seminário, ao longo de uma dezena de anos, de estudo, trabalho, oração se preparavam para a vida religiosa. As primeiras jovens que se formaram Irmãs foram filhas de famílias de descendentes de italianos de Ascurra, quais as se-



guintes: Irmã Ana Dalfovo, filha de Carlo Dalfovo; Irmã Lúcia Bordin, filha de Giovanni e Marieta Bordin, Luiza Bona, filha de Giosué Bona e Irmã Bernardete Mondini filha de João Mondini e Júlia Mateuzzi, italianos natos. Nessa época, ingressaram no aspirantato das Irmãzinhas da Imaculada Conceição de Nova Trento e formaram-se religiosas: Irmã Ana Conte, Irmã Juliana Conte e Irmã Francisca Conte, filhas de Gerônimo Conte e de Luiza Feltrin, naturais de Guaricanas.

Aspectos diversos constituíram um condicionamento forte

para as meninas perseverarem em sua vocação: no ambiente familiar aprenderam a ter grande respeito e admiração à figura das religiosas e a distância geográfica que as separavam de suas famílias.

Mais tarde, da localidade de Guaricanas, três filhas de Daniel Mondini e Maria Pisa, formaram-se religiosas salesianas: Irmã Anna Mondini, Irmã Lina Mondini, atualmente Diretora do Instituto Maria Auxiliadora de Rio do Sul e Irmã Laura Mondini.

Guaricanas foi um celeiro de vocações religiosas.

No próximo número desta Revista, continuaremos a descrever a vida de religiosos naturais de Ascurra.

---

## GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS GEHRENT - SCHMIDT, SILVA - GORGES

(Conclusão)

Henrique Meinchein, (o 2º.), n 1802 — f. Henrique Meinchein, (o 1º.) e Catarina Nasa. cc Catarina Waltrich, n. 1815 — [2º. casamento] — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms, n. 1787.

F1-5 — Lourenço Meinchein, f. Henrique Meinchein, n. 1802 e Catarina Waltrich, n. 1815. Em 11.10.1866, cas. Spa, (65V-14) — cc Maria Scherer, f. Pedro Scherer e Catarina Hoffmann.

F2-6 — Mariana Meinchein, n. 24.10.1842, bat. a 06.11.1842, fl. 281, S. J. (FBOG) — f. Henrique Meinchein, (o II), n. 1802, e Catarina Waltrich, n. 1815 — n/p. Henrique Meinchein, (o I) e Catarina Nasa — n/m. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787, (FBOG) — fl. 404, Tomo II.

F3-7 — Antonio Meinchein, f. Henrique Meinchein, (o 2º.) n. 1802 e Catarina Waltrich, n. 1815, n/p Henrique Meinchein, (o 1º.) e Catarina Nasa, cc Maria Martendal, f. Peter Martendal e Maria Elis. Feuner

N1-14 — Matias Meinchein, n. 01.12.1876 — f. Antonio Meinchein e Maria Martendal, n/p. Henrique Meinchein, n. 1802 e Catarina Waltrich, n. 1815 — n/m Peter Martendal e Maria Elis, Feuner — bat. C.T., **Vargem Grande**, SAI, a 14.12.1877 — fl. 2, nº. 3, (5).

F4-8 — Margarida Meinchein, f. Henrique Meinchein, n. 1802, e Catarina Waltrich, n. 1815 — n/p Henrique Meinchein (o 1º.) e Catarina Nasa — n/m Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc João Schneider.

N1-15 — Nicolau Schneider, n. 05.03.1883 — b. Jacó Schneider e Margarida



Meinchein, n/p. Gaspar Schneider e Maria Schmitt — n/m Henrique Meinchein, n. 1802 e Catarina Waltrich, n. 1815, bat. C. T. a 29.04.1883 — Rachadel, fl. 105, nº. 84 — (12).

**III. Ramo** — Sebastião Waltrich, n. 1817 — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787.

**IV Ramo** — Pedro José Waltrich, n. 1819 — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787.

**V Ramo** — Ana Maria Waltrich, n. 1821 — f. Sebastião Waltrich, n. 1796 e Ana Maria Guilherme, n. 1787 — cc João Gehrent, nosso bisavô materno, n. 1822, e + a 21.07.1855, em Sta. Filomena, c/33 a — (53-3) — f. Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger, que + a 02.06.1863 — (53V-8) c/76 a, n. 1787, e foi sepultada em Biguaçu (Antonio Carlos — AC), deixando quatro netos menores.

Ana Maria Waltrich teve 4 filhos que foram estudados no Cap. I, Ramos I à IV. Antes desse casamento ela teve, ainda, 2 filhos, F1-1 e F2-2, a seguir:

F1-1 — Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843 — f. Ana Maria Waltrich, n 1821 — n/p Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787 — cc Pedro Longen (Lunger), f. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807.

N1-16 — Pedro Longen, n 1865 — f. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — digo, Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843 — cc Margarida Martendal, já estudado em Cap. I, F1-1 — I Ramo — f. Nicolau Martendal, n 30.04.1839 e Maria Gehrent.

N2-17 — Matias Longen, n 1862 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n. 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n 1821 — cc Maria Martendal, n 1868 — f. Nicolau Martendal, n 30.04.1839 e Maria Gehrent (F2-2 — Cap. I, I Ramo).

N3-18 — **Maria Longen**, n. 1859 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843, n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807, n/m Ana Maria Waltrich n 1821.

Em 21.10.1896, cas. SAI, L6, fl. 21, T 50 — cc Pedro João Gehrent, 2º. casamento, n 21.08.1854, f. João Gehrent, n 1822 e Ana Maria Waltrich, n 1821 — n/p Miguel Gehrent e Ana Maria Rudinger, n 1787. Teve 3 filhos, já registrados no Cap. I, III Ramo, F1-10 à F3-12, que são: F1-10 — Synphoriano Gehrent, F2-11 — Antonio Gehrent e F3-12 — Cristina Gehrent.

N4-19 — Ana Maria Longen, n 1861 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843 — n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n 1821.

Em 03.11.1888, cas. SAI, (89V-3) — cc Nicolau Mueller, n 1865, f. João Mueller e Catarina Martendal.

N5-20 — Pedro Longen, n 05.12.1865 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843, n/p Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843 — bat. Spa a 06.01.1866 — (73V-64).

F2-2 — Gertrude Waltrich ((75-78 Spa) — f. Ana Maria Waltrich, n 1821. n/m Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787 — cc Antonio Junkes, f. João Junkes e Eva Scherer.

N1-21 — Gertrude Junkes, n 07.03.1867 — bat. Spa a 04.04.1867-(75-78) f. Antonio Junkes e Gertrude Waltrich, n/p. João Junkes e Eva Scherer, n/m Ana Maria Waltrich, n 1821.

**VI Ramo** — João Waltrich, n 1822 — f. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787.



**VII Ramo** — Pedro Waltrich, n 1823, f. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787 — cc Elisabeth Bloeser.

F1-1 — Pedro Waltrich, n 21.09.1855 — bat. Spa a 21.10.1855, (68-13) f. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser — n/p. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787, n/m Antonio Bloeser e Ana Maria Rosar — cc Elisa Sens — (Luisa).

N1-1 — Pedro Waltrich, n 1880 — f. Pedro Waltrich, n 21.09.1855 e Elisa (Luisa) Sens. Em 20.04.1912, cas. Gasp., L. 3, fl. 40, nº. 8 (12-34) — cc Maria Carolina Deschamps, n 1890, f. Nicolau Deschamps e Emma Rudolf.

N2-2 — Maria Waltrich, n 1888, Spa — f. Pedro Waltrich, n 21.09.1855 e Luisa Sens, n/p. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser. Em 21.01.1909, cas. Gasp. L. 3, fl. 11, nº. 1 (8V-17) — cc João Adão Reinert e Cristina Bins.

N3-3 — Clementina Waltrich, n 1884, f. Pedro Waltrich, Spa, n 21.09.1855 e Luisa Sens.

Em 30.01.1904, cas. Gasp. L.2, fl. 111, nº. 3 — (10-23). cc José Antão Soares, n 1879, f. José André e Maria Elisa Soares.

N4-4 — Luiz Waltrich, n 1886, f. Pedro Waltrich, n 21.09.1855 e Luisa Sens.

Em 13.05.1911, cas. Gasp. L. 3, fl. 33, nº. 25 (12V-35) — cc Margarida Schmitz, f. Bernardo Schmitz e Rosa Buckmann.

N5-5 — Egídio Waltrich, n 1890, f. Pedro Waltrich, n 21.09.1855 e Luisa Sens.

Em 05.09.1914, cas. Gasp. L. 3, fl. 63, nº. 32 (12-33) — cc Firmina Trierweiler, n 1895 — f. Nicolau Trierweiler e Maria Neker.

F2-2 — Antonio Waltrich, n 13.03.1857 — f. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser — n/p. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme. n 1787 — n/m Antonio Bloeser e Ana Maria Rosar.

F3-3 — Ana Maria Waltrich, n 07.08.1860, f. Pedro Waltrich, n 1823, e Elisabeth Bloeser, n/p. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787, n/m. Antonio Bloeser e Ana Maria Rosar.

F4-4 — Nicolau Waltrich, f. Pedro Waltrich, n. 1823 e Elisabeth Bloeser — cc Ana Schelen, f. João Schelen e Catarina Reinert.

N1-6 — Maria Waltrich, n 30/01/1835 — bat. C.T. a 10.08.1881, fl. 68, nº. 130 (9), f. Nicolau Waltrich e Ana Schelen — n/p. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser — n/m João Schelen e Catarina Reinert.

F5-5 — Ana Waltrich, n 14.04.1864 — bat. Spa. a 09.06.1864 — (72V-53), f. Pedro Waltrich, n 1823, e Elisabeth Bloeser — n/p. Sebastião Waltrich. n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787 — n/m Antonio Bloeser e Ana Maria Rosar.

F6-6 — José Waltrich, n 1869, + a 24.07.1936 — (9V-12 — Ang. Pinheiral) — f. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser — cc Maria Bunn.

N1-7 — Maria Waltrich, n 31.10.1892. RC. Ang. 31.10.1892 (42-6), f. José Waltrich, n 1869 e Maria Bunn — n/p. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser, n/m Guilherme Bunn e Elisabeth Müller. Bat. C.T. a 29.12.1892, fl. 45, nº 200 — Garcia.

N2-8 — Pedro José Waltrich, n 27.08.1894, RC. Ang. 15.09.1894, (42V-9) Garcia — f. José Waltrich e Maria Bunn — n/p. Pedro Waltrich, n 1823 e Elisabeth Bloeser — n/m. Guilherme Bunn e Elisabeth Müller.

**VIII Ramo** — Antonio Waltrich, n 04.05.1830, fl. 205 — Fi — PR Reitz) — f. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme). n 1787.

**Cap. III** — A Família Lange (Longen).

No livro Col. S.C. de J. Matos, fl. 219, consta: marido Pedro Lange (Longen). alemão, 29 anos; mulher: Maria Georges (Gorges), alemã, 23 anos.



Vieram no brigue "Luisa", subiram a 1º. de setembro de 1829, para São Pedro de Alcântara, Spa.

Já em Fruto da Imigração, Fi, de PR Reitz, fl. 192, encontramos: Lange (Longen) — I Pedro Lange, (Longen), n 1800, na Alemanha, lavrador — cc Maria Georges (Gorges), n. 1806, vieram no brigue "Luisa".

Em 1-X-1829, foram para São Pedro de Alcântara — Spa.

Pedro Longen, viúvo de Maria Gorges, + em Sta. Filomena a 27.04.1884 c/ 84 a., (54-19). Pais de:

F1-1 — Matias Longen, f. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807, cc Margarida Waltrich, n 20.01.1836 — f. Guilherme Waltrich, n 1808 e Ana Maria Scherer, fl. 205, Fi — PR Reitz.

N1-1 — Susana Longen, n a 01.05.1864, Spa — (72V-52) f. Matias Longen e Margarida Waltrich, n. 20.01.1836, n/p Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807, — cc José Hames, f. João Hames e Margaretha Emann.

F2-2 — Pedro Longen, f. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — cc **Maria Ana Waltrich**, f. Guilherme Waltrich, n 1808 e Ana Maria Scherer, n/m Sebastião Waltrich, n 1796, e Ana Maria Guilherme, n 1787.

N1-2 — Filomena Longen, n 12.08.1882 — Spa, f. Pedro Longen e Maria Ana Waltrich, n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807, n/m Guilherme Waltrich, n 1808 e Ana Maria Scherer.

F3-3 — Margarida Longen, f. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — cc João Hoffmann, f. Matias Hoffmann e Catarina Gepp.

N1-3 — Margarida Hoffmann, n 24.01.1864, f. João Hoffmann e Margarida Longen, n/p. Matias Hoffmann e Catarina Gepp — n/m Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807.

F4-4 — Pedro Longen, f Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — cc Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843, (fl. 205 — Fi — PR Reitz) — f. Ana Maria Waltrich, n 1821 — n/p. Sebastião Waltrich, n 1796 e Ana Maria Guilherme, n 1787.

Já descrito em: F1-1 — V Ramo, Cap. II.

N1-4 — Margarida Martendal, n 1868, f. Nicolau Martendal, n 30.04.1839 e Maria Gehrent a 03.11.1888 — cc Matias Longen, n 1862, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843 — n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807.

Já descrito em: Cap. I, I Ramo, F2-2.

N2-5 — Maria Longen, n 1859, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843, n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n 1821.

Em 21.10.1896, cas. SAI, L. 6, fl. 21, T 50 — cc Pedro João Gehrent, n ..... 21.08.1854 — 2º. casamento — f. João Gehrent, n 1822 e Ana Maria Waltrich, n 1821.

Já descrito em Cap. I, III Ramo, fl. 10. Teve 3 filhos: F1-10, F2-11 e F3-12.

N3-6 — Ana Maria Longen, n 1861 — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/m. Ana Maria Waltrich, n 1821.

Em 03.11.1888, casa-se com Nicolau Mueller, n 1865 (89V-3), f. João Mueller e Catarina Martendal.

N4-7 — Pedro Longen, n 05.12.1865 — (73V-64), f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n 09.09.1843, n/m Ana Maria Waltrich, n 1821 - n/p. Pedro Longen, n 1801 e Maria Gorges, n 1807.

Em 29.07.1993, Pedro Ernesto da Silva

#### **Bibliografia e pesquisas:**

Casa dos Jasmins — de Frei Elzeário Schmidt.



Colonização de Santa Catarina — de J. A. Matos.  
Fruto da Imigração — de PR. Reitz.  
Arquivo Diocese — Florianópolis.  
Arquivo Fundação Frei Godofredo — Gaspar.  
Arquivo Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Blumenau.  
Igrejas SAI — Angelina e S. Pedro Apóstolo — Gaspar.  
Registro Civil — S. Pedro Alcântara, Angelina, Bom Retiro e Alfredo Wagner.  
Entrevistas desde 1986, com parentes e amigos.  
A todos, muito obrigado pela cooperação.

## Um episódio dos "sem terras" ocorrido em Gaspar no século passado

BLUMENAU. - "IMMIGRANT" noticia: "No segundo dia de festas chegaram aqui 35 soldados do exército, vindos de Florianópolis, a fim de restabelecer a ordem em Gaspar, perturbada por moradores do município de Itajaí. A causa como ocorria frequentemente, era por questões de terra. O belga, van Lede, possuía desde há muito um considerável complexo de terras e legou estas valiosas terras a um hospital Belga. A administração do hospital naturalmente quer entrar na posse deste legado. Ela destinou um conto de Reis para a medição das terras e passou uma procuração geral a um belga radicado aqui há muitos anos, de nome Karl van Dal. Este deu início à medição, porém encontrou uma oposição tão firme, que a mesma não pôde ser realizada. Ficou provado, que cerca de 400 famílias moravam no terreno. Pela nacionalidade, um terço eram belgas e dois terços brasileiros. Aproximadamente 80 desses moradores avançaram armados sobre a casa do procurador, que mora em Gaspar, a fim de se apoderar dos papéis (escrituras) das terras. Sem achá-las, subme-

teram este belga a sevícias e por fim tentaram jogá-lo na água. Este ato foi impedido pela interferência do Sr. Altenburg e de seu comandante de vapor, presente neste momento e mais dois homens do Sr. Odebrecht, que se opuseram armados com revólveres e pica-paus aos amotinados sanguinários. O final desse episódio terá lugar aos próximos dias e esperamos que não seja sangrento".

(KOLONIE-ZEITUNG

(Joinville)

27 de junho de 1889 - nº. 52)

### Nota do Trad.:

Os homens do Sr. Emílio Odebrecht presentes, provavelmente faziam parte das turmas da construção da linha telegráfica de Itajaí a Blumenau, que pelas anotações no diário foi construída em 1889, composta de duas turmas. Uma de exploração sob ordens do Sr. Krambeck e outra sob ordens do Sr. Thieme, de construção.

Tradução: Sr. Emílio Odebrecht (Neto) - 1994.



## Otto Wille, uma figura inesquecível

A TRAJETÓRIA DE SUA VIDA DE IMIGRANTE, NARRADA POR ELE MESMO, NAS PÁGINAS DO ALMANAQUE QUE ELE MESMO EDITOU NA DÉCADA DE 1960

### “MINHA IMIGRAÇÃO PARA HANSA-HAMMONIA HOJE IBIRAMA - NO ANO DE 1904

de OTTO WILLE

(Conclusão)

Os porquinhos neste meio tempo haviam se desenvolvido bem e depois de abatidos tínhamos toucinho, banha e lingüiça, sendo que uma parte foi defumada. Do campo, já podíamos colher feijão, al-pim, e batatas; vivíamos um pouco melhor e novamente fui trabalhar na estrada até outubro.

O ano 1906, antes de terminar trouxe outros perigos. Em meados do mesmo ano, em vários vales da Hansa, apareceram os bugres. Uma tribo de índios selvagens, que importunavam os colonos enquanto trabalhavam, mas não apareciam. Esta causou muita inquietação na região. Deixei meu trabalho e fiquei na colônia de meus pais, para que caso precisasse ajudá-los.

Os índios se tornaram sempre mais audaciosos e saíram várias vezes da floresta. Nós nos sentíamos observados pelos mesmos. Eles faziam isto para certificar-se de quantas pessoas éramos e a que horas íamos para o trabalho no campo.

Não demorou muito para que o colono berlinense Schulz, no Scharlach fosse atacado. Enquanto trabalhava na lavoura, atiraram-lhe um pedaço de tronco aos pés e quando ele se ergueu levou uma flechada no braço e não chegou a alcançar sua espingarda que estava encostada numa árvore a 20 metros do lugar onde se encontrava. Gritando alto para alarmar sua esposa em casa, correu até a casa do vizinho que estava mais próximo. Na corri-

da sacou o facão, cortou a seta em seu braço. Quando os vizinhos vieram em seu auxílio, os selvagens já haviam desaparecido.

O colono Krause, por várias vezes viu sair da floresta veados. Alguns vizinhos experimentados avisaram-no para ser cauteloso, pois por perto poderiam estar índios, e destes os animais fugiam. Mas Krause não observou este bom conselho e despreocupado com sua esposa e um trabalhador foi à plantação.

No mês de outubro foi realizado um baile no estabelecimento de Vanselow em Neubremen, para o qual os colonos vieram de todos os lados com suas famílias e visitantes da Hammonia. Nós jovens, sob a direção de meu irmão havíamos fundado uma banda de música, a qual demos o nome "Neubremen Bugerkapelle". O que tocava o bandonion era Mathias Haas. Meu irmão havia encheido uma dúzia de garrafas de litro com água e estas foram preparadas de acordo com a escala musical, ficando penduradas e enfileiradas por uma corda. Ewald Koschel acionava o triângulo, feito de duas brocas de pedra amarradas numa corda. Para mim foi escolhido o bumbo, para o qual preparamos um barril de cimento, do qual tiramos os fundos e colocamos um latão leve que continha chumbo e originalmente servia para embalar fósforos. Raramente o bumbo suportava uma noite de baile. Heinz Bars usava uma lata de petróleo como



tambor. Joseph Haas usava como contra-baixo, um caixote de querosene e como cordas era usado arame, e o baile assim organizado, podia começar.

Como abertura tocávamos o "Neubremmer Einzugsmarsch" que todos gostavam de dançar. A sonoridade era excelente e quando se fechava os olhos, tinha-se a impressão de ter a sua frente uma grande orquestra. Barulho tinha bastante! Depois vinha um canto. A música tocava de acordo com a melodia "Immer raus mit de Olsch in die Frühlingsluft" (sempre para fora com a velha no ar puro da primavera) e o estribilho: "Karline halt die Röke fest, jetzt kommt der Rest" (Karline segura as saias, agora vem o resto) nesta canção também participavam os que dançavam. O público assistente ria lágrimas ao olhar para os dançarinos. Alguns de casaca e outros com casaca de cauda, o colarinho engomado já se desmanchava com o suor e muitos nem usavam sapatos. Alguns pares mais idosos dançavam uma dolente valsa com os rostos sérios e compenetrados. Os jovens preferiam um Reinländer ou uma Mazurka, como não tinham frequentado nenhum curso de dança, pulavam pelo salão, pisando os pés dos outros. Era um tal de pular e sacudir girando alto as saias e casacas! À meia noite começava a polonaise, tendo as músicas a frente. Do salão passava-se pela cozinha, porão, galpão, por cima de obstáculos e depois de volta ao salão. Também os visitantes da Hammonia, diretor Mörsch, José Deeke, Weber, Koglin e nosso pastor Dr. Aldinger, participavam na polonaise.

Comida e bebida tinha o suficiente, e muitas rodadas de cerveja dos cervejeiros Klempz e Köpsel foram servidas, fazendo concorrência entre si. Pela sede das mulheres cuidava o fabricante de gasoza Köpsel; Vanselow, como antigo droguista, serviu licor e conhaque, bem como vinho de laranja. Alguns beberrões já fora da luta eram colocados num carrinho de mão e levados para fora no ar puro, para onde eram acompanhados por um músico tocando uma marcha fúnebre e lá eram coloca-

dos numa manjedoura dos cavalos, onde ficavam até o amanhecer.

Só de manhã os músicos, já tontos pela cerveja que lhes fora oferecida, recolhiam seus instrumentos. Só alguns retardatários ficavam, porque a despedida era difícil para eles. Algumas famílias iam de carroça, outras montavam seus cavalos e outros iam a pé para casa. Os visitantes da Hammonia já haviam voltado para lá à meia noite. Um baile como este era a única distração para os colonos e assunto para conversa por muito tempo em suas visitas de vizinhos.

Também Paul Krause e sua esposa, últimos moradores no Rio dos Índios participaram deste baile. Como a picada que levava a sua Colônia fora aberta meses depois, a Estrada chegava somente a Nova Zurique e este fato o fez deixar a festa à meia noite, para chegar em casa antes do amanhecer. Cansados da festa e viagem, foram deitar e só levantaram pouco antes do meio dia.

Era um dia quente de verão e Krause, sua esposa, o filho mais velho Fritz e o trabalhador Paul Klann, foram às 3 horas da tarde para a lavoura a 500 metros distante da casa e próxima a margem da floresta.

Diante de sua casa, o vizinho Penz viu um grupo de índios sair da floresta, que corriam em direção a residência de Krause. Vendo isto, deu primeiro um tiro e depois mais dois para alarmar seus vizinhos, como fora combinado entre os colonos, para avisar do perigo. Krause trabalhava atrás de uma pequena elevação de terra, e não ouviu os tiros. Quando os índios invadiram a mesma, sua filha de 13 anos, encarregada de cuidar das crianças menores saiu e foi ao encontro dos pais para avisá-los. Os irmãos correram atrás dela e nos foram perseguidos por alguns índios que quando os alcançaram, deram ao mais velho Erich, um golpe na cabeça. O menino caiu desacordado sobre o corpo de seu irmão, ficando ambos ali. Dois selvagens continuaram na perseguição da irmã, que gritando alto correu pelas planta-



ções. No canavial foi alcançada pelos índios e abatida com o tacape.

Krause ouviu os gritos e saiu correndo em direção dos mesmos. Ao ver os índios atirou, mas estes fugiram. Krause encontrou seus dois filhos, quietos e assustados deitados próximo ao riacho. Neste meio tempo os selvagens já haviam saqueado a casa e saíram correndo para o interior da floresta com o que tinham roubado. No chão da casa, a menina menor gritava pelo pai e a irmã Helena não estava. Depois de muita procura, foi encontrada morta no canavial. Os índios haviam levado a roupa de cama do berço, e aproveitaram o tecido, mas as penas foram encontradas espalhadas na floresta.

Quando a notícia do ataque, chegou a nós através de um vizinho, já vinha o empregado de Paul Krause, a Neubremen, para dali ir a Hammonia, buscar Dr. Kübel, o médico e avisar a diretoria da Colônia sobre o acontecido. Acompanhei Paul Klann a Neubremen, onde compramos mantimentos e munição e voltamos rapidamente. Quando nos aproximávamos de uma casa de colono, dávamos um tiro de aviso, para não sermos atacados. Ao nosso lado, no alto mato entre taquaras, ouvíamos os índios nos acompanhando. Chegamos até o vizinho de Krause, senhor Renzi, onde soubemos que Helena já fora encontrada. Entramos com ele na sala onde a morta fora colocada, estando cercada por toda a família. Erich tinha a cabeça envolta numa atadura. Olhei o quadro silenciosamente!

À meia noite chegaram o médico dr. Kübel, o Pastor Aldinger, o diretor Mörsch e Josef Deeke com o fiscal Bruno Wehmuth e seu assistente Albert Koglin. O Diretor Mörsch, puxou-me para um canto da sala pedindo que ficasse com Krause algumas semanas, por conta da Cia. para dar assistência a ele e sua família. E diariamente enviar dois batedores à floresta para noticiar possíveis rastros dos selvagens e avisar logo a Cia, sendo que aceitei imediatamente.

Na manhã seguinte Paul Klann e eu

nos pusemos a caminho do cemitério já instalado em Nova Zurique e para preparar a sepultura de Helena Krause. Chegamos na propriedade de Grage, que nos deu para companhia um brasileiro armado com espingarda para nos proteger de qualquer perigo durante o trabalho.

Como o cemitério estava localizado na Margem esquerda da desembocadura do Rio Índios, no Rio Krauel, tivemos de ir de canoa para lá.

Havia no cemitério três sepulturas, uma de Trautmann, sogro de Grage; Anna Wille que morreu afogado no Rio Krauel e Leitis, morto por uma árvore. O trabalho foi pesado, a terra era muito dura e até ao anoitecer só cavamos a metade da sepultura. Voltamos à casa de Grage para ali pernoitar, e na manhã seguinte terminamos o serviço. Nós renunciávamos à companhia do brasileiro, que com seu grande medo, só nos assustava e intranquilizava. Às 9 horas terminamos o trabalho!

Paul Klann ficou no cemitério pra depois do enterro fechar a sepultura. E eu voltei à Colônia de Paul Krause. No meio do caminho encontrei o cortejo fúnebre que tinha grande acompanhamento de pessoas de perto e de longe.

O Dr. Aldinger para consolar a família disse palavras tocantes e recomendou à comunidade cautela, para não serem surpreendidos pelos selvagens.

Neste meio tempo eu regressara à Colônia de Krause. Então, apossou-se de mim um grande medo: ninguém por perto, somente os selvagens espreitando na floresta! Mesmo tendo uma arma comigo com meus 16 anos, nunca havia atirado. É preciso entender, que me tranquei na casa, fechando bem as janelas e portas com trincos de madeira, pois não havia fechaduras. E ali esperei por horas pelo regresso da família, prestando atenção a qualquer ruído que vinha de fora. Eram 5 horas da tarde quando ouvi vozes humanas que vinham de longe. Por mais que eu quisesse, não me foi mais possível esperar, abri a porta e fui ao encontro do grupo.

Seguiram-se dias mais tranquilos!



Krause ia com seu filho Fritz e o empregado para a lavoura, deixando sua esposa em casa com os filhos. Diariamente recebia dos meus vigias, Franz Dörlitz e Johann Schweizer, um relatório do percurso na floresta, pois estava encarregado de comunicar à Hammonia. Enquanto ocupava-me em observar a orla da floresta, para encurtar o tempo procurei catar lenha e preparar ração para os animais à noite. O dono da casa só sentava-se à mesa depois deste trabalho. Ele sentou-se na cabeceira da mesa e nós ao longo da mesma, em bancos: com a dona da casa, a empregada e filhos menores. Durante o jantar pouco se falava pois todos ainda estavam sob o efeito do acontecido.

Certo dia chegaram aqui cerca de 20 figuras com aspecto selvagem, alguns usando peles de macacos nas cabeças sob a liderança de dois homens, armados com Winchester. Era o caçador de bugres Martins e seu irmão, que a Cia. havia mandado buscar, para limpar a Hansa dos bugres. Ele era muito temido pelos bugres, já que jurara vingança, porque eles mataram seus pais e também seus irmãos. Agora perseguia os mesmos para destruí-los. Mesmo que existisse uma lei do governo dizendo que nenhum índio deveria ser morto, deixava-se que Martins agisse livremente, já que não havia força para proteger os colonos. E como trouxera-lhes para cá através de seus agentes na Alemanha, eram agora obrigados a dar-lhes assistência. Entre eles encontrava-se um teuto-brasileiro, que os acompanhava pelo espírito de aventura.

Os líderes se apresentaram e falavam com Krause, mas não disseram muito. O grupo fez uma grande fogueira à margem da floresta, prepararam sua comida, constituída de feijão, carne seca e café muito doce. Os irmãos Martins, delicadamente recusaram o convite de jantar com Krause para juntar-se ao grupo com o qual vieram. Recusaram também as camas e pediram duas cadeiras reclináveis, como se usa em navios, levando-as para o rancho.

Disseram que não era possível dormir num recinto fechado, pois estavam acostumados a pernoitar ao ar livre na floresta.

Na manhã seguinte, depois de terem preparado um "cafezinho", despediram-se, acenando, desaparecendo aos poucos numa colina e nós, os seguíamos com olhos admirados.

Depois de algum tempo, ouvimos rumores sobre esta expedição. Depois que partiram daqui não encontraram nenhum índio e chegaram a Lontras na altura do Morro da Subida, próximo de onde morava Martins. Depois de uma semana, entraram outra vez na floresta. Martins deixava seu irmão sempre com seus homens e ele sempre estava um bom trecho na frente dos mesmos, à procura de rastros. Ele encontrou um acampamento indígena de onde já de longe ouvia-se a gritaria, pois estavam comemorando uma festa qualquer. Ele circundou o acampamento, para conhecer o espaço entre um e outro rancho, mas não percebeu um que estava um pouco afastado. Rastejou para mais perto a fim de verificar mais ou menos o número de selvagens. Saiu depois silenciosamente para se reunir com seus homens, que tinham acampado, pois já estava escuro.

Os homens estavam sentados em volta do fogo, alguns jogando cartas. Martins agora ordenou que apagassem o fogo e não mais falassem alto. Agora contou-lhes o que observara, conferenciou com seu irmão e disse aos homens que fossem dormir, colocou dois guardas e fez-se silêncio.

Às três horas da madrugada, acordou seus homens e aproximou-se com eles do acampamento dos selvagens. Estes agora já estavam profundamente adormecidos devido ao vinho de mel que haviam bebido. Martins mandou cercar o acampamento e deu então o sinal para o ataque. Com o facão agora caíram em cima dos índios, matando-os. Um dos caçadores, naquela confusão disparou um tiro, atingindo um dos homens de Martins. Alguns dos silvícolas escaparam e ainda restaram vi-



vos algumas mulheres e crianças, que Martins levou consigo na marcha de volta. Para o companheiro morto fizeram uma maca que era carregada pelos homens, revesando-se. Mas os moradores da cabana que Martins não percebera, acompanhavam o grupo por dentro da floresta, atirando-lhes flechas constantemente. Mas não tiveram sucesso, não atingiram nenhum caçador. Difícil foi, quando o morto com este calor começou a entrar em decomposição. Aos que o carregavam eram vendados nariz e boca, para poder suportar o mau cheiro, e revesaram-se várias vezes. Ficaram contentes ao sair da floresta. As mulheres e crianças foram levadas para o Morro Pelado, onde foram entregues a várias famílias de Blumenau, interessadas em ficar com as mesmas.

Quando os índios não mais apareciam, desliguei-me do meu posto e voltei para a Colônia de meus pais. Estes tinham agora uma grande ajuda de meu irmão Paul, que já se adaptara à vida aqui.

Minha mãe, assustada com todos os acontecimentos num espaço de apenas um ano, perguntou por ocasião de uma visita do Dr. Aldinger, se não havia, uma possibilidade de me tirar da floresta. Pensando um pouco, este mandou me chamar na plantação e convidou-me a passar algum tempo com ele no Palmenhof para pôr a sua escrita em ordem, pois tinha ficado atrasada.

Devido à presença de meu irmão, já podia ser dispensado, e então aceitei esta oferta. Apresentei-me com uma pequena mala no dia 1º de janeiro de 1907, depois de uma marcha a pé do Rio Krauel até Hammonia e Palmenhof, em apenas um dia.

Agora fui iniciado no serviço pelo Dr. Aldinger, que se apresentava muito versátil. Dr. Aldinger era pastor, inspetor escolar, "homem de jornal", escritor e autor de livros. Como pastor sempre viajava, e nunca tinha tempo para fazer os registros nos livros; este agora era meu serviço. Quando voltava de suas viagens de ser-

viço apresentava-me o livro em que registrava provisoriamente batizados, confirmações ou casamentos, para que eu registrasse no livro oficial.

Imaginem que desde 1901, quando ele chegou aqui, não havia nenhum registro. Eu então selecionava estes bilhetes com as anotações, fazia o registro no livro, escrevia os certificados de batismo, e batizados, pondo tudo em ordem. Depois de ordenados os jornais que tinham chegado, eram assinalados com azul ou vermelho os artigos que deveriam ser publicados de acordo com o objetivo. Os papéis das diversas escolas e dos professores da Hansa foram regularizados, mas não tão depressa como se pensa.

Eu visitava os professores em suas escolas, as comunidades escolares e eclesiásticas para levar-lhes mensagens do Dr. Aldinger, ou para apaziguar algumas desavenças. Eu me dei muito bem com o trabalho e também com Dr. Aldinger.

Quero aqui registrar um fato. Em Hammonia, há muito tempo estava doente um homem, e quando ele faleceu, Richard Hergert, filho da governanta do Dr. Aldinger, foi encarregado para abrir a sepultura. Do Palmenhof se avistava muito bem o cemitério e quando olhei para lá, a fim de ver como andava o trabalho, vi Richard cavar a sepultura no lugar onde estavam as mais antigas

Comentei o fato com Dr. Aldinger, que me mandou verificar o que acontecia. Como o Palmenhof ficava no outro lado do Rio Hercílio, frente à Hammonia, atravessei-o com uma canoa e quando já estava próximo a margem, Richard vinha ao meu encontro pálido de susto. Ao cavar, tocou numa tábua e quando enfiou o facão constatou que era um caixão. Fui com ele até o cemitério e disse-lhe: "Isto na certa trará aborrecimentos para o doutor", e mostrei-lhe o lugar previsto para a sepultura.

Alguns dias depois deste acontecimento, chegou até nós uma discussão. O Dr. Aldinger não estava em casa e para sa-



ber a causa da gritaria, fui para a Hammonia.

Instigado pelo dono de um bar, que não falava bem do Diretor da Colônia e do Dr. Aldinger, veio ao meu encontro o colono Weissbart, da região do Raphael. Normalmente, ele era um homem calmo, mas quando estava embriagado, gostava de procurar briga. Gritava que o Dr Aldinger era culpado da abertura da sepultura de sua mulher e isto ele não aceitava.

Fiquei calmo e disse que a culpa era dele (Weissbart), porque negligenciara a sepultura, deixando-a coberta pela vegetação muito alta e o operário havia suposto que ali estava um lugar vago.

Mas como continuava com suas reclamações em voz alta, gritei dizendo-lhe que mandaria chamar o inspetor de quartirão para prendê-lo, caso não parasse com o barulho.

Ficou mais calmo, pensou e depois de estar um pouco mais lúcido, confessou sua culpa e me convidou para uma cerveja. O intrigante havia desaparecido. Aceitei o convite para a cerveja, mas sob a condição de acabar com a gritaria, pois isto nada resolveria, e faria com que Dr. Aldinger o procurasse em sua colônia. Fomos em seguida ao bar do intrigante, tomamos a cerveja, e ele me pediu que esquecesse o que havia dito, pois isto acontecia com ele quando . . . e olhou para o dono do estabelecimento. Entendi e completei: "Quando semi-embriagado ainda se é instigado". Os presentes riram, o dono desaparecera e nos separamos em paz.

Na manhã seguinte informei Dr. Aldinger sobre o acontecido. Mas também deveria ser resolvido o problema do cemitério, então apresentei meu plano e pedi sua aprovação. Apesar de algumas dúvidas, ele finalmente concordou e em seguida assumi o assunto.

Fui diretamente ao cemitério: comecei a limpeza da área, coloquei números nas sepulturas a serem abertas, tanto pa-

ra adultos como para crianças e apresentei tudo ao Dr. Aldinger. Este inicialmente não estava de acordo, mas como não havia outra solução aceitou o que havia feito. Realmente culpa maior era dos familiares, que deixavam as sepulturas no abandono. Agora tudo estava em ordem, inclusive os livros anteriormente abandonados.

Em 1914, sete anos mais tarde, devido a guerra, voltei para a Hansa. Mas Dr. Aldinger me chamou mais uma vez, pedindo que lhe ajudasse, pois pretendia após a guerra voltar em definitivo para a Alemanha. Podem imaginar o que agora eu tinha para recuperar, e pôr em ordem!

Havia menos trabalho, o "Hansabote" que era editado uma vez por mês, era revisado por mim. Dr. Aldinger recebia uma subvenção mensal de 100 Milréis, por este jornal tão útil. A assinatura anual custava 1 Mil e 100 réis. O jornal era impresso em Blumenau e parte dos mesmos eram entregues à Cia. Hanseática, que pagava a subvenção, e os distribuía na Alemanha como propaganda. Minha atividade jornalística começou há 57 anos passados (1907).

Desde 1934 só com interrupção de 1941 até 1951, devido a última Guerra, publico com diversas modificações de título o "Almanach Wille". Depois do centenário de Blumenau — 1950 e do de Joinville — 1951, antecipei uma edição: "Guia Público Wille". O calendário existe há 30 anos.

Todo domingo cavalgava com o Dr. Aldinger para o interior da Colônia, a fim de assisti-lo em seus atos oficiais. Em caso de doença eu substituía os professores e mesmo o próprio pastor.

No plano mensal constavam para um domingo três cultos, no Alto Raphael e em Nova Zurique. Mais ainda um batizado no Raphael. Sobre mim caiu o culto em Nova Zurique. Neste domingo partimos muito cedo, Dr. Aldinger na égua Lise e eu numa mula. Quando chegamos próximo ao Rio Raphael, Dr. Aldinger me perguntou como



eu faria para atravessar com a mula e chegar a Nova Zurique. A mula dificilmente se separava da égua, chamada "Madrinha", que tinha um sino no pescoço, e guiava os burros ou mulas de carga. Nessa mula era de um grupo assim, por isto a dúvida do Dr. Aldinger. Eu pensei um pouco e pedi que meu companheiro seguisse além da escola onde ele daria o culto. Apressamos um pouco mais o passo e na subida do Morro dos Carrapatos pedi ao Dr. Aldinger que continuasse até o caminho esquerdo que o levaria à Colônia do senhor Krätz. E eu ficaria para enganar o burro. O doutor seguiu adiante, custou bastante reter a mula, mas conseguiu. Depois de alguns minutos, quando soltei as rédeas, ninguém mais segurava minha mula, que em galope partiu, passando pelo caminho que Dr. Aldinger tomara, sem parar subiu e desceu o Morro dos Carrapatos até chegar a Neubremen, direto no estábulo onde recebia do Dr. Aldinger ração e água. Eu fiz o mesmo e fui em seguida ao restaurante de Arthur Vanselow onde cheguei bem na hora do almoço.

Depois de uma hora me despedi e continuei em marcha com minha mula pela Misslerallee até a balsa onde o baliseiro Schulze levou-nos para o outro lado do rio Hercílio. Parei um pouco na casa de meus pais. E segui depois para Nova Zurique até a escola, onde cumprimentei os membros da comunidade, todos eles conhecidos. Conversamos animadamente sobre tudo que acontecera nos últimos tempos. Também fui informado sobre novos colonos que vieram para cá: eram muito poucos, pois a imigração cessara.

Quando todos estavam reunidos, comecei o culto e quando este terminou me despedi. Parei na casa de meus pais para tomar café e voltei, para encontrar Dr. Aldinger que fora convidado para a festa de batizado.

Logo cheguei na casa do colono Arthur Weissebruch e sua esposa, que vieram da Alemanha comigo. Ele me recebe-

ra com muita alegria, mostraram-me suas duas filhas, das quais a menor era o alvo da festa de hoje. Depois levaram-me até a mesa, onde todos estavam reunidos numa conversa animada, com Dr. Aldinger na cabeceira da mesa.

Eu comi com bom apetite, pois a governanta do Dr. Aldinger era muito econômica e não nos apresentava uma mesa muito farta. Dr. Aldinger não reclamava, era muito fraco perante esta mulher que o dominou por completo. Por isto gostávamos de ser convidados para festas. Mas todos conheciam a senhora Hergert, que muitas vezes o colocou em difíceis situações, mas em sua bondade nunca conseguiu livrar-se dela.

Já era tarde quando chegamos em casa, e falamos muito da família Weissenbruch e da festa. O anfitrião fora aluno do Dr. Aldinger na escola colonial de Witzzenhausen, na Alemanha.

Dr. Aldinger não tinha nenhuma renda significativa, sua propriedade não trazia lucros. Ela era dirigida pela senhora Hergert; a plantação era trabalhada por um empregado e o filho da senhora Hergert; os serviços mais leves eram feitos pelas suas duas filhas. Era difícil para ele pagar-me o ordenado mensalmente, mesmo que fosse somente 20 Milréis. Como havia pouco trabalho para mim, fiquei contente quando Dr. Aldinger recebeu uma carta de Walter Schön, também seu aluno de Witzzenhausen, na qual pedia para apresentar-me na Firma Rudolf Altenburg e Cia. no Morro Pelado, porque pretendia ir para Neuberlim na "Hansa" e seu lugar ficaria livre.

Agora ele realizava o desejo do Dr. Aldinger, conseguindo esta colocação. Imediatamente escrevi para a firma e recebi o emprego logo para o dia 1º de julho. Minha alegria foi grande e agradei ao Dr. Aldinger seu interesse em me ajudar na carreira comercial, pois já tivera oito meses de estudo na Alemanha, e o deixei por causa da imigração para o Brasil. Em 30 de junho/1907, despedi-me



do Palmenhof, com os melhores votos de felicidade para Dr. Aldinger. Peguei minha mala e marchei até o Morro do Cocho, onde pernoitei na casa da família Neulinger.

No domingo de manhã do dia seguinte, continuei minha marcha Morro do Cocho abaixo até a casa da "mamãe Bichels", onde na noite de nossa chegada dormira na mangedoura no estábulo. Esta continuava como balseira. Atravessei o

rio e perto do meio dia cheguei no Morro Pelado, na Casa Comercial Altenburg, onde passei quatro anos.

Com estes quero encerrar o primeiro capítulo de minha partida da Hansa, e no próximo Kalender, continuarei o segundo capítulo.

Tradução: Edith Sophia Eimer.

Blumenau, 20 de março de 1992.

Fonte: Almanach Wille — 1964 —  
pg. 81 a 124 (V 059 A 445 a)

## Cartas

"Blumenau, 4 de maio de 1994.

Ilmo. Sr. José Gonçalves:

Estimo saber que Blumenau em Cadernos sob seu interesse e carinho tem continuado sua luta em prol da cultura, promovendo estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros interesses ligados à conservação de nossa própria identidade. Sob a guarda da Fundação Casa Dr. Blumenau e graças ao seu idealismo como diretor responsável desta revista, os ideais do saudoso José Ferreira da Silva estão em boas mãos.

Tão logo tomei conhecimento do apelo feito aos assinantes, colaboradores e leitores (nº. 2/94, p. 34), prontifiquei-me em responder à ajuda solicitada por tão nobre causa. Única publicação de cunho histórico no Brasil que está circulando há 36 anos mensalmente, há de merecer toda ajuda e colaboração. Quisera desejar que muitos se associem nesta tarefa meritória que, em meio às dificuldades, precisa sobreviver.

Tomo a liberdade de anexar mais algumas colaborações que gostaria fossem publicadas pela importância histórica. Um artigo sobre Dom Orlando Brandes para este mês de junho, novo bispo de Joinville, uma homenagem. Após a série de registros de Tombo de São. F. do Sul, poderiam ser publicadas as presentes colaborações: bênçãos do Revmo. Pe. José Maria Jacobs sobre cemitérios e capelas de nossa região que expressam a evolução gradativa do catolicismo e sua história, bem como bênçãos dos Revmos. Frades Franciscanos, que continuaram sua obra. Como disse, são registros desconhecidos que precisam de um destaque pela publicação.

Agradeço-lhe imensamente pelo interesse que sempre tem demonstrado pelo meu trabalho pessoal em resgatar a história do catolicismo em nossa região, os estudos feitos e seu coroamento pela publicação nesta tão digna revista. Deus lhe pague.

Atenciosamente,  
Pe. Antônio Francisco Bohn  
Pároco."



# Registros de Tombo de São Francisco do Sul (II)

Pe. Antônio Francisco Bohm

(Continuação)

- Termo n.º. 34: Cópia da Circular sobre o Óbulo Diocesano, em ..... 05.01.1899.
- Termo n.º. 35: Registro das Provisões de dispensas matrimoniais concedidas no ano de 1898 pelo Sr. Bispo de Curitiba dispensando oradores da Paróquia de São Francisco, em ..... 10.01.1899.
- Termo n.º. 36: Cópia da Circular n.º. 20 que determina sobre diversos assuntos internos da Igreja, em .... 02.01.1899.
- Termo n.º. 37: Carta Pastoral sobre a homenagem a Jesus Cristo Redentor e a seu Vigário, em 16.01.1899.
- Termo n.º. 38: Transcrição da Carta Circular n.º. 19, em 25.01.1899.
- Termo n.º. 39: Registro da Carta Pastoral expondo a doutrina da Igreja sobre o caso da Paróquia de Palmeira, do Estado do Paraná, em .... 25.04.1899.
- Termo n.º. 40: Relatório do 2.º. e 3.º. da Caixa do Bispado, em .... 28.04.1899.
- Termo n.º. 41: Carta de despedida do Sr. Bispo que parte a Roma para participar do Concílio Plenário dos Bispos da América Latina, em .. 10.04.1899.
- Termo 42: Provisões em favor do vigário, em 24.05.1899.
- Termo 43: Transcrição do Mandamento que acompanha o Decreto sobre o indulto de Jejum e Abstinência, em 22.10.1899.
- Termo n.º. 44: Cópia da petição dirigida ao Sr. Bispo pedindo as faculdades do Decreto. Despacho favorável em 15.11.1899.
- Termo n.º. 45: Carta Pastoral que trata do Concílio Plenário Latino Americano e ordenando a consagração da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, em 21.11.1899.
- Termo n.º. 46: Cópia da Circular sobre os ritos latino e grego, em .. 26.11.1899.
- Termo n.º. 47: Registro das provisões de dispensas matrimoniais concedidas a favor de vários contraentes, em 31.01.1900.
- Termo n.º. 48: Circular que trata da publicação do Boletim Eclesiástico da Diocese de Curitiba, em .... 25.01.1900.
- Termo n.º. 49: Carta Pastoral Coletiva que trata de grandes acontecimentos, em 06.01.1900.
- Termo n.º. 50: Termo das solenidades por ocasião da consagração ao Sagrado Coração de Jesus, em .... 02.02.1900.
- Termo n.º. 51: Carta Pastoral que trata do ensino do catecismo nas Paróquias em 02.02.1900.
- Termo n.º. 52: Circular que trata do aniversário natalício do S. Padre o papa Leão XIII, em 03.02.1900.
- Termo n.º. 53: Circular que trata das ordenações diversas contidas na Pastoral Coletiva, em 25.03.1900.
- Termo n.º. 54: Circular que trata dos festejos religiosos do 4.º. século do descobrimento do Brasil, em .... 09.04.1900.
- Termo n.º. 55: Circular sobre o Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos a respeito de missas de requiem, em 15.03.1900.
- Termo n.º. 56: Provisões dadas ao Pe. Nóbrega nos cargos de vigário encomendado e de fabriqueiro da Igreja, em 26.05.1900.
- Termos n.ºs. 57-59: Publicação da prestação de contas da administração da Caixa Diocesana, em 20.04.1900.
- Termo n.º. 60: Circular sobre o Apostolado da Oração, em 01.06.1900.



Termo nº. 61: Cópia da petição do vigário ao Sr. Bispo pedindo faculdade para erigir uma Via Sacra. Despacho positivo em 17.06.1900.

Termo nº. 62: Termo do ato de bênção da Via Sacra na matriz, em 29.06.1900.

Termo nº. 63: Circular recomendando aos padres para que ao oficiarem o casamento religioso cumpram o que prescreve a lei civil, em .... 26.06.1900.

Termo nº. 64: Portaria que concede faculdade de poder dispensar "in articulo mortis" de todos os impedimentos de Direito Eclesiástico, em 08.09.1900.

Termo nº. 65: Circular ordenando a recitação do terço durante o mês de outubro, em 01.10.1900.

Termo nº. 66: Portaria determinando horários de missas para o Natal e dos sacerdotes binarem missas, em 24.11.1900.

Termo nº. 67: Circular sobre as manifestações católicas, em 25.11.1900.

Termo nº. 68 Cópia de um dos avisos impressos no Boletim Eclesiástico nº. 12 sobre o registro das Paróquias sendo a de São Francisco do Sul de número 30, em 08.01.1901.

Termo nº. 69: Registros das provisões de dispensa de impedimentos para casamentos, em 08.01.1901.

Termo nº. 70: Descrição das solemnidades feitas na cidade em homenagem a Jesus Cristo, Divino Redentor, em 31.12.1900.

Termo nº. 71: Relatório do Óbulo Diocesano, em 13.01.1901.

Termo nº. 72: Carta Pastoral do Sr. Bispo Diocesano que trata sobre o Jubileu do Ano Santo, em 26.05.1901.

Termo nº. 73: Provisões concedidas ao Pe. Nóbrega, em 23.05.1901.

Termo nº. 74: Pastoral do Sr. Bispo que trata das Atas e Decretos do Concílio Plenário Latino-Americano, em 23.05.1901.

Termo nº. 75: Declaração do Pe. Nóbrega de que a matriz de Nossa Senhora da Graça possui dois livros contendo as Atas e Decretos do Concílio, em 30.08.1901.

Termo nº. 76: Circular do Sr. Bispo que trata de duas importantes faculdades concedidas aos vigários sobre questões de missas "pro populo" e intenções particulares, em 02.10.1901.

Termo nº. 77: Circular sobre o Boletim Eclesiástico, em 17.12.1901.

Termo nº. 78: Circular do Sr. Bispo que trata das modificações dos Estatutos e Regimento da Irmandade de Santo Antônio, em 24.12.1901.

Termo nº. 79: Circular do Sr. Bispo sobre Indulgências concedidas pelo Papa Leão XIII em favor da Irmandade de Santo Antônio, em .... 27.12.1901.

Termo nº. 80: Registro de provisões de dispensa matrimonial para a Paróquia Nossa Senhora da Graça durante o ano de 1901.

Termo nº. 81: Mandamento do Sr. Bispo ordenando algumas obras de piedade em homenagem ao Jubileu Pontifício do Papa Leão XIII, em .. 16.02.1902.

Termo nº. 82: Transcrição de uma Pastoral Coletiva do Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro e dos bispos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mariana, Petrópolis, Curitiba e Pouso Alegre. Transcrita do original pelo Pe. Nóbrega e que ocupa 9 folhas do Livro de Tombo, em 16.03.1902.

Termo nº. 82: Cópias de certidões de documentos relativos ao Morro do Hospício e da Capela de São José, em 16.03.1902.

Obs.: Não existe termo sob o número nº. 83 (de acordo com anotações do Pe. Nóbrega).

Termo nº. 84: Apontamentos de doações para a construção da Matriz. Registros do Pe. Nóbrega em .... 18.03.1902.



— DIA 1º. — Morre em Imola, na Itália, o consagrado ás da F-1, AYRTON SENNA.

— DIA 3 — A imprensa (JSC) destaca as Bodas de Diamante do casal Rodolfo e Ana Hostert, ele com 85 e ela com 87 anos, acontecimento condignamente comemorado e que teve como destaque o nascimento, no mesmo dia dos festejos, de mais uma bisneta, a 31ª. que possui o casal. \*\*\* Representantes da Associação de Moradores do Loteamento Cláudia Rosane se reuniram com o prefeito Renato Vianna, visando a compra de uma mata nativa para preservação e sua possível utilização para área de lazer. \*\*\* A Fundação Municipal do Meio Ambiente autorizou o corte de sete árvores antigas, localizadas na frente do prédio da antiga Prefeitura, porque os troncos haviam perdido a vitalidade devido a longa idade das mesmas. \*\*\* Às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, apresentou-se a dupla de músicos Toto Blanke, alemão, e Rudolf Dasek, tcheco, conhecida na Europa como o "velho Casal", e que executou um bellissimo duo de violão.

— DIA 4. — A imprensa (JSC) destaca a inauguração da rua Francisco Ramos, no bairro Ponte do Salto, solenidade presidida pelo prefeito Renato Vianna que, na oportunidade, entregou os diplomas dos trinta formandos do curso de Agente de Saúde Bucal. \*\*\* No Pavilhão B da PROEB, a Secretaria de Ação Comunitária de Blumenau reuniu mais de mil mães, para um lauto lanche e uma tarde dançante divertida. Houve homenagens e brindes.

— DIA 5 — Em frente à Biblioteca "Martinho Cardoso da Veiga", o grupo de teatro "Phoenix", nas comemorações dos 30 anos de fundação da FURB, apresentou-se com a peça "Ave Phoenix". O espetáculo teve a participação especial do Coral da FURB e se constituiu em mais um sucesso desse valoroso grupo teatral.

— DIA 6 — Em comemoração ao aniversário de 30 anos de fundação da FURB, foi promovido a lançamento de um selo comemorativo, em solenidade realizada às 20 horas naquela Universidade. \*\*\* No bairro da Velha, foi encontrado o corpo da menina Ana Paula Fagundes, assassinada com dois cortes profundos no pescoço e sinais de violência sexual. \*\*\* Bombeiros, policiais militares, roviários e enfermeiros, receberam, no SESI, o diploma de Agente de Socorro de Urgência, cujo curso teve início dia 25 de abril último. A solenidade foi presidida pelo prefeito Renato Vianna e supervisionada pelo capitão Carlos Augusto Knih, comandante do 2º Sub-Grupo de Incêndio.

— DIA 7 — Com muito pinhão, danças e músicas típicas da tradição gauchesca, assim como comidas feitas à base de pinhão, foi lançada, à noite, no Hotel Himmelblau, a 6ª. Festa do Pinhão, a se realizar de 1º. a 12 de junho na cidade de Lages, tendo por local o Parque de Exposições Conta Dinheiro.

— DIA 8 — O grupo de Teatro Carioca "Nós e Nós" se apresentou em duas sessões no Teatro Carlos Gomes, com o musical infantil "Rosa Branca Encantada".



— DIA 10 — Na sede da FIESC, em Florianópolis, foi formalizada, às 20 horas, a campanha para a duplicação da BR-101, por iniciativa da RBS-TV. Segundo estatística apresentada na ocasião, até esta data aquela rodovia registrou a morte de três mil pessoas e o ferimento de 23 mil, nos acidentes ocorridos nos últimos dez anos. \*\*\* O 10º Batalhão da Polícia Militar, sediado em Blumenau, forneceu estatística informando que nos primeiros quatro meses do corrente ano atendeu 5.887 ocorrências. Só no mês de abril, foram atendidos 2.488 casos, incluindo os atendimentos dos bombeiros. \*\*\* A fonte luminosa, localizada na Praça Marechal Mascarenhas de Moraes, começo do bairro Garcia, voltou a tornar-se colorida com a sua reinauguração, pelo prefeito Renato Vianna, solenidade ocorrida na noite anterior e que contou com a presença e os aplausos de numerosas pessoas que foram prestigiar o acontecimento. \*\*\* Na mesma ocasião, mas no período da manhã, registrou-se a solenidade de inauguração de um monumento que homenageia os ex-pracinhas da Força Expedicionária Brasileira e também localizado na Praça Marechal Mascarenhas de Moraes, uma iniciativa do 23º Batalhão de Infantaria. \*\*\* Um grupo de estudos do Rotary Internacional, distrito 7710, da Carolina do Norte, USA, foi recebido pelo prefeito Renato Vianna e também foi recebido por representantes dos cinco clubes rotarianos sediados em Blumenau (Norte, Centro, Hermann Blumenau, Açú e Oeste)

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes, estreou a aplaudida peça "Confissões de Adolescente", às 21 horas, peça esta que teve a direção de Domingos de Oliveira, com Bebel Lobo, Carol Machado, Gabriela Duarte, Ingrid Guimarães e participações musicais de Alexandre Vaz e Igor Eça. \*\*\* No Auditório do SENAI, a Eberle apresentou um Painel de Moda, cuja iniciativa contou com numerosa presença de público.

— DIA 13 — Com a presença da psicóloga, sexóloga e escritora Marta Suplicy, foi aberto o Seminário de Sexualidade, promovido pela Sociedade de Psicologia de Blumenau. O evento teve lugar nos salões de reuniões do Grande Hotel Blumenau. \*\*\* As fortes chuvas que desabaram sobre Blumenau e região do Vale, desde quarta-feira, felizmente não causaram grandes prejuízos, mas levaram para dentro de muitas casas, água e lama, exigindo muito esforço de seus moradores para recuperar a limpeza. Todavia, aconteceram algumas quedas de muros e deslizamentos de barrancos atrás de algumas casas, trazendo lama para dentro das mesmas.

— DIA 15 — O Lions Clube de Blumenau promoveu a terceira edição da Feira da Saúde, com um dia de orientações médicas à comunidade a respeito da higiene bucal. \*\*\* Foram concluídas amplas reformas na Estação de Tratamento de Água II, administrada pelo SAMAE. \*\*\* A edição deste dia, do Jornal de Santa Catarina, traz, em sua página 8, intitulada Domingo, ampla matéria sobre a vida e a obra do aplaudido poeta Lindolf Bell, ao transcurso de seus trinta anos de atividades literárias.

— DIA 17 — A imprensa noticia que o blumenauense Carlos Alberto Janesh venceu o concurso que escolheu o cartaz da Oktoberfest-84. \*\*\* Às 16 horas registrou-se a solenidade de abertura da Feira do IPS — Instituto de Pesquisas Sociais, da Universidade Regional de Blumenau. \*\*\* No Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se no espetáculo intitulado "Segundas Intenções", os aplaudidos atores Maria Zilda e Stefan Nercesian.

— DIA 18 — O espaço de arte Açú-Açú abriu exposição de aquarelas da artista plástica blumenauense Julieta Bruning. A exposição intitula-se "Imagem e Palavra",



pois foi enriquecida ainda com o lançamento do livro "Dois Textos" de Martinho Bruning, inclusive a terceira edição de "Hai-Kais" escolhidos. \*\*\* No Centro Cultural 25 de Julho apresentaram-se em noitada muito concorrida, os artistas que formam o duo alemão, Erhard Ufermann e Dieter Nett.

— DIA 19 — A Empresa Nossa Senhora da Glória, apresentou, às 19:30 h, na Associação Artex, no Garcia, 26 novos ônibus como renovação de sua frota. \*\*\* Foi sepultado em Blumenau, o professor Wigand Gelhardt, uma das figuras mais queridas da cidade e que havia falecido na madrugada do dia anterior. Wigand Gelhardt faleceu aos 80 anos de idade. Deixou viúva dona Renate Miguelina Kern, após uma vivência de 61 anos. Deixa ainda o filho Victor Gelhardt, de 55 anos, dois netos e um bisneto. Seu corpo foi velado na capela da Comunidade Evangélica, em cujo cemitério foi sepultado, com grande acompanhamento.

— DIA 20 — Foi aberta, na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", a Mostra Fotográfica intitulada "O Casamento e a Família". O acervo pertence ao Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", também pertencente àquela Fundação. Trata-se de 52 imagens dos mais variados temas e diferentes épocas de Blumenau e de outras regiões do Vale do Itajaí. \*\*\* A imprensa (JSC) considera alarmante a quantidade de automóveis roubados (26 em 19 dias) neste mês de maio em Blumenau. Diz ainda que dos 26 roubados, só um havia sido até então recuperado, o que considerava um fato alarmante. \*\*\* Repercutiu bem, nos meios de comunicação da cidade, a iniciativa da Fundação "Casa Dr. Blumenau", juntamente com a Orquestra de Câmara, levando a música erudita para as escolas. A primeira escola beneficiada foi a "Alice Thiele", ocasião em que cerca de cem crianças presenciaram a apresentação da orquestra, sob a regência do maestro Cláudio Ribeiro. \*\*\* Outra iniciativa da Fundação "Casa Dr. Blumenau" foi a de promover cursos de línguas — inglês, alemão, espanhol e italiano, — oferecendo todas as facilidades, indo assim ao encontro das aspirações de muita gente. \*\*\* Morre, nos Estados Unidos, Jaqueline Kennedy Onassis. \*\*\* Membros da Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí iniciam ação anticólera.

— DIA 21 — Segundo estatística publicada, mais de 500 carros foram roubados em Blumenau num ano. \*\*\* Sinalização móvel começa nas ruas mais movimentadas da cidade. \*\*\* A partir das 8 horas da manhã, a Secretaria de Ação Comunitária e o Clã de Pioneiros "Curt Max Lebrecht", do Grupo de Escoteiros Leões de Blumenau iniciaram vasta ação em busca de agasalhos e alimentos não perecíveis para os flagelados dos municípios catarinenses atingidos pelas enchentes ocorridas nas últimas semanas. \*\*\* O Prefeito Renato Vianna recebeu em visita oficial o cônsul geral da Espanha para o R.G. do Sul e Sta. Catarina, Inigo de Palacio. \*\*\* O prefeito Renato Vianna inaugurou a Praça Getúlio Vargas e a Galeria da rua da Glória, no Garcia, em solenidade realizada às 17 horas, com a presença de grande público.

\*\*\* DIA 24 — No Teatro Carlos Gomes, foi encenado o único espetáculo no Estado, da peça "Senor Z", pela Companhia Francesa "amoros et Augustin".

— DIA 26 — Foi aberta exposição de obras da artista plástica Lucimar Bello, em solenidade realizada às 20 horas, na Biblioteca da FURB. Lucimar é doutora em artes pela Universidade de São Paulo e professora da Universidade Federal de Uberlândia, Minas.



— DIA 28 — Chega à Santa Catarina o veleiro "Guapos", trazendo em seu bojo Wilfredo Schuermann, sua mulher Heloisa e seus dois filhos David, de 20 anos e Wilhelm, de 17 anos, e que viajaram pelos mares do mundo durante dez anos.

— DIA 29 — No palco do Teatro Carlos Gomes apresentou-se o guitarrista Larry Coryell, acompanhado de um trio de músicos brasileiros.

---

## Aconteceu... há 50 anos passados

José Gonçalves

(Dados transcritos das páginas do jornal "A Nação", em 1944)

— DIA 5/8/44 — No palco do Teatro Carlos Gomes foi apresentada a peça "Vistas do Brasil", uma obra litero-musical, dirigida pelo prof. Salvio de Oliveira, também um de seus autores. \*\*\* O jornal dá destaque a figura do Tte. Anselmo José Hess, falecido no mês de maio daquele ano, em Vitória, no Espírito Santo, viti-mado pela explosão de uma granada. O Tenente Anselmo José era filho do casal Leopoldo e Verônica Hess, residentes em Luiz Alves, Santa Catarina, onde nasceu. \*\*\* No salão de reuniões do Teatro Carlos Gomes, realizou-se importante reunião presidi-da pelo prefeito Alfredo Campos e com a presença de representantes das classes comerciais, industriais e sociedades blumenauenses, onde foram adotadas medidas pe-la intensificação dos trabalhos para a extinção da malária em Blumenau. \*\*\* A Di-retoria do Grêmio Esportivo Olímpico publicou convite aos associados para o grande baile de aniversário do clube, a ter lugar dia 12 do mesmo mês, em comemoração aos 25 anos de sua fundação.

— DIA 25/8/44 — Foi inaugurada em Brusque uma filial do Banco Popular e Agrícola do Vale do Itajaí, com sede em Blumenau.

— DIA 26/9/44 — O jornal divulga a formação da seleção catarinense de futebol que dia 1º. enfrentaria a seleção goiana. Eis a formação: Waldir (Olímpico), Fateco (Avaí) e Arécio (Olímpico); Luiz, Chocolate (Avaí) e Jalmo (Olímpico); Felipinho (Avaí), Zobot, Teixeira (Palmeiras), Tião e Saulzinho (Avaí)

— DIA 7/10/44 — Realizou-se um grande concerto no Teatro Carlos Gomes, apresentado pela orquestra sinfônica sob a regência do maestro Heinz Geyer. O con-certo, dividido em três partes, foi aplaudido pelo numeroso público que lotou as de-pendência da casa de espetáculos.

— DIA 8/10/44 — A seleção de futebol de Santa Catarina, jogando em Floria-nópolis, venceu a seleção de Goiás por 3 a 2. Os gols dos catarinenses foram mar-cados por Teixeira (2) e Saulzinho. Para os goianos, marcou Badala (2).

— DIA 15/10/44 — Enfrentando a seleção paranaense em Curitiba, depois de ter passado pela seleção de Goiás, a seleção catarinense de futebol foi vencida pela seleção paranaense pela contagem de 2 a 1. O gol catarinense foi marcado por Ba-déco, que substituiu Zoboti.

(A coleção completa do jornal "A Nação", assim como dos jornais em língua alemã "Blumenauer Zeitung" e "Der Urwaldsbote", encontram-se no Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau").



## FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza  
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

### INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

#### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

#### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação.

#### CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

#### DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves





Consórcio  
**Breilkopf**

O SONHO DE TER AUTOMÓVEL OU  
MOTOCICLETA, JÁ É REALIDADE.

**Consórcio BREILKOPF**

Você conhece.

**DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000**

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

**HERING**

**TÊXTIL**

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de  
qualidade. Para todo mundo. Em todos os tempos.